



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

BEATRIZ OLIVEIRA DE JESUS

**MULHERES DE SARACURA: HISTÓRIAS, NARRATIVAS E MÚSICAS DE
RESISTÊNCIA NEGRA E QUILOMBOLA**

SANTARÉM-PA

2024

BEATRIZ OLIVEIRA DE JESUS

**MULHERES DE SARACURA: HISTÓRIAS, NARRATIVAS E MÚSICAS DE
RESISTÊNCIA NEGRA E QUILOMBOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Letras, como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Letras Língua Portuguesa, Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação. Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando de França

SANTARÉM-PA

2024

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) da
UFOPA
Catalogação de Publicação na Fonte. UFOPA - Biblioteca Unidade Rondon**

Jesus, Beatriz Oliveira de.

Mulheres de Saracura: histórias, narrativas e músicas de resistência negra e quilombola/ Beatriz Oliveira de Jesus. - Santarém, 2024.

71f.: il.

Universidade Federal do Oeste do Pará. Instituto de Ciências da Educação -ICED.
Programa de Graduação em Letras. Licenciatura Plena em Língua Portuguesa.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação).

Orientador: Luiz Fernando de França.

1. Mulheres Quilombolas 2. Narrativas orais. 3.Histórias e músicas. 4. Quilombola de Saracura. I. França, Luiz Fernando de. II. Título.

UFOPA Campus Rondon

CDD 23.ed. 370.117

Elaborado por Selma Maria Souza - CRB-2/1096

BEATRIZ OLIVEIRA DE JESUS

**MULHERES DE SARACURA: HISTÓRIAS, NARRATIVAS E MÚSICAS DE
RESISTÊNCIA NEGRA E QUILOMBOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Programa de Letras, como parte dos requisitos para
obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Letras
Língua Portuguesa, Universidade Federal do Oeste
do Pará, Instituto de Ciências da Educação.

Professor Dr. Luiz Fernando de França
Presidente da banca – Orientador

Professora Dra. Terezinha de Jesus Pacheco
Examinadora 1

Professora Mestranda Leila Jane dos Santos Guimarães
Examinadora 2

Beatriz Oliveira de Jesus

Beatriz Oliveira de Jesus
Discente

A minha mãe e pai responsáveis pelo que hoje sou.
Ao meu amor, filho amado Gustavo Vinícius.
Às minhas irmãs, presenças fiéis e amigos(as).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas em todos os momentos, é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Ao movimento negro e quilombola que tanto lutou para que pudéssemos ter acesso a esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

Agradeço a todos(as) os(as) professores(as) por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados, os quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

É com muita admiração e enorme respeito que venho mostrar toda minha gratidão ao professor/orientador Professor Dr. Luiz Fernando de França, é o professor mais incrível que algum dia eu conheci e por isso eu quero te agradecer. Mais do que aquela pessoa que transmite conhecimento na sala de aula, você cria empatia com seus alunos! Gratidão por tudo que tem feito para me ajudar, mais que um professor se tornou um amigo.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Agradeço à minha família, que com seu incentivo me fizeram chegar à conclusão do meu curso e começo de uma nova carreira. Em especial as irmãs Francisca e Marilene, a minha mãe Jucelia que me ajudaram com meu filho Gustavo Vinicius que foi brilhante mesmo criança entendeu que eu tinha que deixá-lo para ir trabalhar, estudar e em fim concluir meu curso, podendo não está junto dele sempre.

Amigos e amigas obrigada por todos os conselhos úteis, bem como palavras motivacionais e puxões de orelha. As risadas que compartilhei durante esse momento difícil da faculdade, também me ajudaram a passar o dia. Obrigada por tudo. Este TCC também é de vocês!

A todos(as) que direta ou indiretamente fizeram parte de minha formação, o meu muito obrigada.

RESUMO

Neste trabalho monográfico analiso as narrativas orais e músicas de mulheres negras da minha comunidade: o quilombo de Saracura, localizado no município de Santarém-Pará. Meu principal objetivo com esta pesquisa é destacar o protagonismo histórico, político, cultural e estético das mulheres do meu quilombo. Elas são protagonistas de muitas histórias de luta e resistência da comunidade. Assim, para contar um pouco dessas histórias, este texto está dividido em três partes: num primeiro momento apresentar a minha comunidade quilombola de Saracura destacando todo o processo histórico de formação do quilombo até os nossos dias. No segundo momento, destaco a contribuição das mulheres no movimento quilombola hoje, com destaque para o protagonismo da organização e da presença das mulheres no quilombo de Saracura enquanto guardiãs da memória e da cultura quilombola. No terceiro, analiso alguns exemplos de narrativas e músicas de mulheres recolhidas na pesquisa de campo realizada em Saracura. Na análise focalizo o potencial cultural e estético da oralidade e da musicalidade da mulher quilombola.

Palavras-chave: mulheres quilombolas, histórias, narrativas orais, músicas, quilombo de Saracura

ABSTRACT

In this monographic work I analyze the oral narratives and songs of black women from my community: the Saracura quilombo, located in the municipality of Santarém-Pará. My main objective with this research is to highlight the historical, political, cultural and aesthetic protagonism of the women of my quilombo. They are protagonists of many stories of community struggle and resistance. Therefore, to tell a little of these stories, this text is divided into three parts: firstly, I present my quilombola community of Saracura, highlighting the entire historical process of formation of the quilombo until today. In the second moment, I highlight the contribution of women to the quilombola movement today, highlighting the leading role of the organization and the presence of women in the Saracura quilombo as guardians of quilombola memory and culture. In the third, I analyze some examples of narratives and songs by women collected in field research carried out in Saracura. In the analysis I focus on the cultural and aesthetic potential of the quilombola woman's orality and musicality.

Keywords: quilobola women, stories, oral narratives, music, Saracura, quilombo

Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
1- O QUILOMBO DE SARACURA	13
1.1-Localização territorial e vivências no quilombo de saracura	13
1.2-Denominação do nome Saracura.....	19
1.3-Trajectoria de formação e organização do Quilombo de Saracura	22
1.4-Aspectos culturais	28
2. MULHERES QUILOMBOLAS:.....	33
2.1- Presença de mulheres no movimento quilombola.....	33
2.2- Presença histórica da mulher quilombola	38
2.3– Mulheres na história de Saracura	43
2.4- Mulheres quilombolas de Saracura hoje: o grupo “Meninas do Quilombo” ...	46
3. NARRATIVAS E MÚSICAS DE MULHERES NEGRAS E QUILOMBOLAS .	48
3.1- Raimunda Silva Santos (Rita): “Boto antigo” e “Carimbó do festival do Jerimum”	50
3.2 - Maria Helena dos Santos: “História da Parteira” e a “Música da arirambinha	61
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
5. REFERÊNCIAS.....	70
6. GLOSSÁRIO.....	71

Lista De Figuras

Figura 1:Fonte Google imagens	13
Figura 2: Foto: arquivo pessoal (Terras caídas)	14
Figura 3:Praia na frente da comunidade- Arquivo pessoal.	15
Figura 4: Verão Amazônico -Arquivo pessoal	17
Figura 5: Cheia do Rio Amazonas- Arquivo Pessoal.....	17
Figura 6: Bajara com motor rabeta Foto: arquivo pessoal	18
Figura 7: Canoas com motor rabeta. Foto: Arquivo pessoal	18
Figura 8: Canoa a Remo Foto: arquivo pessoal.....	19
Figura 9: Conceição Oliveira compositora da música Siricó- Arquivo pessoal	19
Figura 10: Certidão de Auto Reconhecimento do Quilombo de Saracura	25
Figura 11: Ata da Assembleia geral da Formação da Associação da Comunidade Remanescente do Quilombo de Saracura - ACREQSARA	26
Figura 12 Foto: Escola Nossa Senhora do Livramento- arquivo pessoal	27
Figura 13 Festividade de N. S. do Livramento ano 2022- Arquivo pessoal)	29
Figura 14: Encerramento da festividade, Derrubada do Mastro- Foto: Arquivo Pessoal.....	30
Figura 15: Círio de N. S. do Livramento 2022-Foto: arquivo pessoal	30
Figura16: Foto: Arquivo grupo de Mulheres Meninas do Quilombo.....	33
Figura 17: Fonte: Google imagens	40
Figura 18: Certificado de VI encontro de mulheres quilombolas. Foto Arquivo Pessoal	41
Figura19: Pesquisa de Campo no Quilombo de Saracura Foto Arquivo Pessoal	49
Figura 20: Pesquisa de campo no Quilombo de Saracura- Foto: Arquivo pessoal	49
Figura 21: Pesquisa de campo no Quilombo de Saracura Sr Rita Foto: Arquivo pessoal	49
Figura 22: Raimunda Rita – Quilombo de Saracura Foto arquivo pessoal	51
Figura 23- Festival do jerimum em Saracura- Fotos: arquivo pessoal.....	59
Figura 24 Festival do jerimum em Saracura, rainhas 2024- Fotos: arquivo pessoal	60
Figura 25 Festival do jerimum em Saracura, rainhas 2023- Fotos: arquivo pessoal,	60
Figura 26 Foto: Pesquisa de campo no quilombo de Saracura- Arquivo pessoal.....	61

INTRODUÇÃO

As mulheres negras quilombolas no Brasil são figuras de imensa força e resistência, guardiãs de uma herança cultural rica e diversificada, que se manifesta através de histórias, narrativas e músicas. Elas são descendentes de africanos escravizados que resistiram ao sistema escravocrata, formando comunidades conhecidas como quilombos. Neste espaço de resistência, as mulheres desempenharam e continuam a desempenhar um papel central na luta na preservação das tradições, na luta pela terra e na manutenção da identidade negra e quilombola. Elas organizam e participam de manifestações, reuniões comunitárias e diálogos políticos, representando suas comunidades e defendendo suas causas.

No dia a dia essas mulheres quilombolas enfrentam e desafiam o racismo e a discriminação, seja no mercado de trabalho, na saúde ou na educação elas resistem e lutam por espaços de igualdade e respeito. Portanto, as mulheres quilombolas são pilares de resistência negra e quilombola, utilizando suas práticas cotidianas e expressões culturais para desafiar as estruturas de poder e afirmar seus direitos e identidade cultural. Sua luta é um exemplo e inspirador de força e determinação na busca por um futuro mais justo e igualitário.

Especificamente na nossa região na cidade de Santarém, Pará, o protagonismo dessas mulheres é evidente nas lutas coletivas das comunidades quilombolas por acesso a terra e contra violações de direitos humanos, refletindo a resistência das mulheres negras brasileiras ao longo dos séculos.

A história das mulheres de Saracura e outras comunidades quilombolas, é marcada pela resistência contra a opressão e pela busca incessante pela liberdade e reconhecimento. Suas narrativas são repletas de relatos de luta, sabedoria e resiliência, transmitidas através de gerações. A música elemento vital da comunidade quilombola, serve não apenas como forma de expressão artística, mas também como instrumento de união e resistência política. É através da transmissão oral de histórias, crenças e músicas que as mulheres quilombolas mantem vivas a memória de seus ancestrais e a riqueza de sua cultura. Elas tornam as principais responsáveis pela educação de novas gerações, ensinando-lhes os valores, a língua e as tradições de seu povo.

Este trabalho é um movimento Sankofa¹, pois materializa minhas vivências enquanto mulher negra quilombola, mãe de Gustavo e professora, mulher que se

¹ Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás. Símbolo da sabedoria de aprender como o passado para construir o futuro.

movimenta, oriunda do quilombo de Saracura, lugar onde nasci, cresci e foi educada, também atuei por dois anos como educadora na Escola Nossa Senhora do Livramento, vim para cidade em busca de mais estudos, ampliar meus conhecimentos e continuar dando retorno ao quilombo no que for necessário. As histórias de ontem estão vivas em minha memória hoje, justamente por que vivenciei muitas rodas de conversas, contações de histórias dos meus avós, pai e mãe. Oralidades repassada de geração para geração, bem como história do nome do meu quilombo, cantigas, danças, cultura do meu povo. São heranças históricas que me ajudam a construir meu futuro enquanto professora quilombola, estudante com a oportunidade de registrar essas narrativas, herança de meu povo. Assim como outros pesquisadores que passaram por Saracura, hoje nos alunos(as) quilombolas temos a possibilidade de nos pesquisar, isso é gratificante graças ao nosso povo negro quilombola que lutou para que tivéssemos acesso a universidade.

Hoje no Quilombo principalmente as mulheres tentam resgatar a cultura local, e o meu trabalho permite registrar esse material histórico e cultural do meu quilombo com entrevistas feitas por mulheres quilombolas de Saracura, potencializando o saber histórico de cada uma, e herança familiar que carrego.

O aporte teórico do meu trabalho destaca o estudo de Eurípedes Funes, sob a pesquisa “Bom Jardim, Murumurutuba, Murumuru, Tingu, Ituqui, Saracura, Arapemã. Terras de Afro-amazonidas - “Nós já somos a reserva, somos os filhos deles”; e a produção que reúne vozes de mulheres quilombolas, organizada por Selma Dealdina.

Este trabalho está organizado em três capítulos, primeiramente caracterizo a minha comunidade de Saracura: localização, história, economia e cultura. No segundo trago vivências, histórias e lutas de mulheres negras quilombolas que são símbolo de resistência e vozes históricas quilombolas. A terceira parte é a descrição das narrativas pesquisadas por mim, com mulheres quilombolas de Saracura, narrativas orais que dão vida ao quilombo na construção de sua própria história. Por fim, as considerações finais e biografias.

1- O QUILOMBO DE SARACURA

1.1-Localização territorial e vivências no quilombo de saracura

Minha comunidade quilombola de Saracura está localizada na Região do Tapará, uma área de “Várzea”, território que se modifica em dois períodos distintos: enchente quando é inundado pelas águas (denominado de “inverno”) e vazante quando as águas começam a baixar e a terra volta aparecer (“verão”). Saracura fica numa pequena ilha às margens do rio Amazonas, aproximadamente a 1h de viagem de barco da orla da cidade de Santarém/PA. Na comunidade atualmente moram 152 famílias, totalizando 600 pessoas que se autodeclaram quilombolas e não quilombolas. Essas famílias vivem basicamente da agricultura no período da seca - plantio do feijão, melancia, jerimum (também conhecido como abóbora) e milho – e da criação de animais (galinha, porco e gado). A pesca é a principal atividade econômica desenvolvida no território. É realizada nos lagos da comunidade e também em outros municípios (Monte Alegre, Alenquer) no tempo da cheia em que o peixe do arredor do quilombo fica escasso e os pescadores não conseguem pegar suficiente para vender e para a subsistência familiar. Tanto agricultura quanto a pesca são para consumo próprio e para comercialização em Santarém.



Figura 1:Fonte Google imagens

Há um tempo atrás na ilha onde está localizada a comunidade tínhamos outras duas comunidades: Ilha do Palhão e Igarapé da Praia. Entretanto, a comunidade Ilha do Palhão, por conta do fenômeno das terras caídas, aos poucos foi perdendo seu território e

deixou de existir. Por isso, hoje, ficaram apenas duas comunidades: a comunidade quilombola de Saracura e a Igarapé da Praia.



Figura 2: Foto: arquivo pessoal (Terras caídas)

No quilombo de Saracura também sofremos com esse fenômeno das terras caídas. Muitas famílias têm que fazer mudanças dos locais das casas, por conta das terras caídas e da água que invade as áreas. Uma grande mudança na ilha é a praia que há cerca 20 anos surgiu na frente da comunidade, impedindo o escoamento natural das águas em uma determinada parte do quilombo. Quando a seca é muito grande, a praia chega a fechar um lado da comunidade, deixando uma pequena corrente de água na outra extremidade para passagem de pequenas embarcações. Nesse período, a água nessa extremidade da praia fica quente, e com limo, que para ser consumida precisa de um cuidado especial com a utilização de medidas de desinfecção domiciliar (hipoclorito de sódio 2,5%, fervura ou filtração).



Figura 3:Praia na frente da comunidade- Arquivo pessoal.

Sobre esse problema ambiental e social (“terras caídas”) das comunidades ribeirinhas de Santarém, Freitas e Albuquerque apresentam estudos que descreve o fenômeno das terras caídas.

Segundo Freitas e Albuquerque (2012), o fenômeno terras caídas estão relacionadas a erosão fluvial, diretamente ligada a diferentes causas, principalmente fatores climáticos (chuva e vento), composição do material das margens, fatores humanos (como desmatamento e ação das embarcações).

Para Santos (2020), em um estudo que analisa os impactos do fenômeno na comunidade de São Ciríaco de Uricurituba, as experiências vividas trazem o modo de vida dos ribeirinhos, ameaçados pelo fenômeno das terras caídas cujo sentido identitário justifica a permanência no local.

A comunidade de São Ciríaco do Uricurituba fica às margens do rio Amazonas há 30 min. de viagens do meu quilombo. Apesar do estudo ter como objeto de pesquisa a comunidade específica, há uma proximidade dessa problemática com as comunidades do entorno, incluindo a comunidade de Saracura. Até o presente momento não há estudos relacionados a esse fenômeno na minha comunidade quilombola de Saracura.

"(...)a Comunidade São Ciríaco do Uricurituba ganha sentidos de um lugar identitário, arraigado de laços afetivos com a família e amigos, que traz felicidade, orgulho, tranquilidade, oportunidade de sobrevivência, aquisição de bens materiais, escolarização, diversão lazer, que preservam as reminiscências individuais da historicidade dos ribeirinhos com o mundo das águas, em suma, de toda uma vida constituída nesse território amazônico." (Santos, 2020, p.196)

A ancestralidade de vivência nestes locais está centrada no modo de vida, dificilmente as pessoas deixariam sua comunidade para viver em outro lugar, onde seria

impossível viver da mesma forma. São nesses territórios que os comunitários estão acostumados a plantar, pescar e criar animais para a subsistência. Apesar de enfrentarem dificuldades, perdendo parte de seus terrenos, com o fenômeno das terras caídas que chega a levar suas casas, ou grande parte de suas plantações, as pessoas ainda lutam pela permanência. As comunidades não são apenas um território, mas também nossa identidade.

Há uma relação de pertencimento, a luta pelos direitos de resistir em suas terras. Saracura é um dos quilombos que ainda busca pela titulação das terras, e ao mesmo tempo se preocupa com a perda de grande parte da ilha levadas pelo fenômeno das terras caídas. Estamos sempre nos organizando e pensando no bem-estar de toda comunidade, apesar de tais problemas que trazem dificuldades para os moradores, tentamos nos reinventar, a cada invasão das águas sobre as terras, ou até mesmo a seca, nós ribeirinhos conseguimos adequar-se a realidade vivida naquele local, acostumando com as mudanças no mundo das águas. Sabemos que não é só um problema natural há uma causa da inserção do homem que modifica o espaço e natureza reage, de forma que todos venham sofrer com as consequências, por isso muitas das comunidades que ficam a margem dos rios correm o risco de serem engolidas pelas águas, ou ao contrário sofre com a seca, uma questão política e social, por conta das terras crescidas no verão temos que recorrer a outros meios de consumo da água do rio Amazonas escoada dentre as terras crescidas, sem a corrente livre da água, enche de limo e aquece, dificultando o acesso a água potável, inclusive ao meio desse exato período de verão setembro a dezembro, a única água potável para consumo, é a água do povo artesiano da escola, que também foi construído esse ano na escola Nossa Senhora do Livramento, a água é distribuída nas casas por meio de um transporte cedido pela prefeitura de Santarém.

Em relação ao problema da água, mencionado acima, cito o trabalho desenvolvido pelas estudantes: a quilombola Francisca Oliveira, Valéria de Sousa Bentes, Susana Inés Segura-Muñoz e Marina Smidt Celere Meschede, que comprovou através de estudos experimentais o efeito das medidas domiciliares na eliminação de *Escherichia coli* em amostras de água. O experimento concluiu que o uso das medidas como hipoclorito de sódio 2,5%, fervura e exposição solar poderão favorecer a promoção da saúde e diminuir a ocorrência de surtos de doenças diarreicas veiculadas pela água. Diante desse estudo afirmo que a maneira de como cuidamos da água é eficaz, conhecimento repassado de geração em geração validado pela ciência partindo dos saberes tradicionais.

Retomando os dois ciclos das águas na comunidade de Saracura (Inverno/Enchente – Verão/vazante), podemos observar, nas fotos abaixo, os períodos anuais:



Figura 5: Cheia do Rio Amazonas- Arquivo Pessoal



Figura 4: Verão Amazônico -Arquivo pessoal

No quilombo não tem barco de linha (embarcações permanentes e diárias para fazer viagem até Santarém), por isso a maioria dos comunitários tem meios de transporte

fluvial próprio, do tipo barco pequeno ou bajara. A canoa e a bajara são os meios de transporte mais utilizados no período da cheia. As pessoas usam para se locomover dentro do quilombo (trabalhar, passear, ir à igreja, reuniões, pescar etc.).



Figura 7: Canoas com motor rabeta. Foto: Arquivo pessoal



Figura 6: Bajara com motor rabeta Foto: arquivo pessoal



Figura 8: Canoa a Remo Foto: arquivo pessoal

1.2-Denominação do nome Saracura



Figura 9: Conceição Oliveira compositora da música Siricó- Arquivo pessoal

Saracura tá cantando/ lá na beira do
igapó. Bis
Ara dança minha Saracura Siricó,
siricó, siricó (bis)
Siricó, siricó, siricó. Siricóóóó

Minha avó materna Conceição Oliveira compôs essa música, na intenção de explicar que o nome que deu origem a comunidade de Saracura não era por causa do pássaro saracura, quando ia contar a história do nome da comunidade a nós netos e netas ou há qualquer outra pessoa que chegava em sua casa, na sua maravilhosa simpatia citava versos e cantava a música Siricó, depois dizia: mas essa não é a história de Saracura. Só então começava a contar a verdadeira história da origem do nome da comunidade. Contava ela:

“Na comunidade Cacoal Grande que fica aqui pra baixo (município de Monte Alegre) tinha fazenda que escravizavam e lá morava uma senhora chamada Sara que era curandeira, naquela época não podia fazer tal serviço, a polícia perseguia quem curava. Então ela fugiu pro Bom Jardim e depois pro Ituqui com medo da polícia, quando descobriram ela nas comunidades, ela fugiu aqui para Ilha de Saracura. E como não havia ninguém morando por aqui, ela ficou escondida, fez sua casa lá na restinga do meio. Depois o pessoal que vinham em busca de cura descobriram ela aqui, e foram habitando junto a comunidade, os escravos fugitivos do Cacoal Grande também passaram a se esconder aqui com ela e foram povoando a Comunidade, e depois que Sara morreu, os que já estavam aqui acharam por bem dar a comunidade o nome de Saracura, a junção do nome Sara + Cura (reestabelecimento da saúde).”

No quilombo as tradições orais dão vida e continuidade nas histórias que são repassadas de geração em geração, ainda no tempo da minha avó o costume de fazer rodas de conversas ao anoitecer para contar histórias que se passavam no quilombo era viva e corriqueira. Se hoje eu sei contar a versão do nome Saracura é justamente por conta desses momentos históricos e tradicionais. Versão essa, que atravessa gerações e que hoje com a perda dessa tradição faz-se necessário registrar e documentar sobre essas narrativas para que não caia no esquecimento, apagamento da história do quilombo.

Essa versão da origem do nome Saracura é contada por outras pessoas do Quilombo, inclusive já registrada nos estudos de um conhecido historiador que pesquisou comunidades Quilombolas do Baixo Amazonas: Eurípedes Funes, 1995, umas das investigações já feitas sobre a história do quilombo de Saracura e que também utilizo como fundamentação teórica do meu trabalho. Na pesquisa de Funes, encontro a versão da origem do nome Saracura contada pelo Senhor Aldo Santos, importante liderança do movimento quilombola de Santarém:

O nome Saracura nada tem a haver com a ave chamada Saracura. Começou do seguinte: o primeiro morador que chamava dona Sara; essa mulher por origem dela ser curandeira, aí todo mundo que adoecia na redondeza dessa ilha pequena alguém indicava: ‘olha, leva lá pra dona Sara que ela cura’. E Dona lá a Sara fazia o trabalho e as pessoas ficavam boas e onde Dona Sara morava era uma restingazinha pequena, que realmente de lá se chamam Saracura. Foi a partir de lá que foi aumentando (In: Funes, 2015, p. 56)

Por não haver documentos que apresenta a história do quilombo de Saracura, essas versões atravessam as gerações através da oralidade, e aos poucos vai perdendo algumas minúcias, são os mais velhos os detentores desses conhecimentos e quando nos deixam parte desses saberes vão com eles, e a história vai se perdendo. As duas versões de gerações diferentes, são semelhantes, dialogam com a explicação de que Saracura não é uma ave. No entanto, nota-se que na primeira versão é mais completa trás a história da Sara vivenciada desde o tempo que escravizavam pessoas negras na comunidade de Cacoal Grande, local onde ela exercitava a prática do curandeirismo, e por conta da perseguição policial após os acontecimentos políticos preconceituosos em relação as pessoas que faziam o exercício da cura, ela precisou fugir. E nessas andanças Sara passou outras comunidades inclusive quilombos, onde Sara passou a morar fugindo da polícia, até chegar na ilha, que posteriormente viria ser chamada de Saracura. E a segunda versão está mais centrada na Sara já no quilombo de Saracura exercendo seu ofício, para as pessoas que iam em busca da curandeira.

Trago duas versões da origem do nome Saracura, a primeira versão memória histórica que foi repassada pela minha avó, e a outra mencionada na pesquisa de Funes, percebe-se nas duas versões que não perdem a essência da origem do nome Saracura, mesmo, sendo contadas de maneira e por pessoas de gerações diferentes. E também a história do nome Saracura, perpassa por outros quilombos onde Sara morou. Antes de dar seguimento na história e formação de Saracura é importante ressaltar que no município de Santarém existem outras comunidades Quilombolas, que estão organizadas pela Federação das Organizações Quilombolas de Santarém (FOQS) responsável e representante das comunidades quilombolas do município de Santarém, atualmente reconhecidas pela Fundação Palmares, 12 comunidades quilombolas, que estão localizadas em diferentes áreas da região; 6 dessas comunidades estão na área de várzea: uma na região do Taparã (Quilombo de Saracura); uma na região do Uricurituba (Quilombo de Arapemã); e quatro na região do Ituqui no território Maria Valentina (Nova Vista do Ituquí; São José do Ituquí; São Raimundo do Ituquí; Patos do Ituqui). cinco na área de planalto na PA-370/Rodovia Santarém-Curua-Una, mais especificamente entrando nos ramais: Ramal da comunidade de Jacamim a 7km, com acesso também pelo lago do Maicá (Quilombo de Bom Jardim); também com acesso no Ramal da comunidade de Jacamim está localizado (Quilombo de Murumurutuba); Ramal das Antas (Quilombo de Murumuru); e no Ramal Santa Rosa (Quilombo de Tingu); Quilombo Surubuú-Açu. Uma Urbana - Rua Mandevi (Quilombo Pérola do Maicá); todas essas comunidades têm como sede organizadora de forma social,

política e cultural a Federação das Organizações das Comunidades Quilombolas de Santarém (FOQS). Cada uma com suas especificidades de organização social/comunitária, bem como associações, inclusive grupo de mulheres que movimentam seus quilombos.

1.3-Trajatória de formação e organização do Quilombo de Saracura

Meus avos Conceição Oliveira e Tolentino Mores, minha mãe Jucelia Oliveira contam também que antigamente eles plantavam muita juta, cacau, bananeiras e que era muito farto de plantações na comunidade, naquela época só andavam de canoa remando ou com o apoio da vela, até para vir na cidade vinham numa canoa grande a vela, quando não tinha vento voltavam remando. Eles vendiam na cidade o que colhiam das plantações e também peixe salmorado, salgavam o peixe porque naquele tempo era difícil o acesso na compra de gelo.

E como manifestação cultural da comunidade costumavam dançar o pássaro Arirambinha, faziam machinha de carnaval, as festinhas eram na casa dos moradores, tinham uma banda onde os homens tocam com instrumento pau e corda designado na época da mocidade de minha mãe organizado pelos mais velhos, digo geração de minha avó Conceição, Dona Passinha, Mocinha, Tolentino Mores dentre outros mais velhos, que inclusive Funes 2005 cita em sua pesquisa.

Tinha baile, quadrilha, lundum, valsa, disfetera (era uma dança). Olhe minha avó dançava e as velharadas também. Aqui tinha um conjunto (moreno). Eu tenho um primo que mora lá no Bom Jardim – ele tocava violino, o Nilto. Tinha 3 que tocava violão, tinha que tocava banjo, tinha tambor. O Felipo tocava flauta, nos esclarece D. mocinha. (Funes, 2015, p.63).

Eram manifestações dançantes da época de minha avó Conceição a qual me inspiro através de suas memórias históricas para escrever parte desse trabalho, ela e Dona Mocinha são da mesma geração, vovó um pouco mais velha faleceu aos 82 anos na comunidade de Saracura, dona Mocinha ainda viva faz parte dessa minha pesquisa. Aos seus 89 anos em sua lucidez, porém por conta da idade já esquece alguns detalhes históricos de Saracura.

Inclusiva quando era viva no tempo de carnaval vovó se vestia de rainha do carnaval colocava uma peruca, vestido bonito, mamãe, minha tia Juanete, Marineide e Dona Mocinha se vestiam de mascarado juntavam os jovens de minha geração e lá íamos nós pela comunidade batendo tambores, lata, dançando e cantando umas machinhas de carnaval do tempo delas. Era animado, nos divertíamos com as brincadeiras de minha avó, mas depois que ela faleceu só ficou as recordações, tem 4 anos que eu Beatriz, mãe Jucelia,

D. Marcionilia (Mocinha), Marineide, Raimunda, Helena e outras mulheres do Quilombo sobre Coordenação da Professora Jucimara (minha irmã) tentamos resgatar o ritual de dança dos mascarados na derrubada do mastro da festividade de Nossa Senhora do Livramento, e também as músicas que elas dançavam no tempo que minha vó organizava a dança arirambinha e outras cantigas da época. (D. Jucelia, Jucilene, Marineide, Helena lembravam partes das músicas, mas me falta tempo para ajudá-los e também temos dificuldade de ter os instrumentos usados na época para acompanhar as músicas, muitos dos jovens também não querem saber de participar). Funes também traz memórias festivas no relato da Dona Corina.

“Era mais animada. Não tinha esse sábado que a gente não tava quebrando. Até quando tinha cardume de pacu passando, era festa pra frente. Olha, eu estava fiada, pegava muitos, juntava uma turma: embora cuida. Sargava, agora vira festa. Busca cachaça na taberna e o pau surrava até umas horas.” (Funes, 2015, p.64).

Dona Corina me faz lembrar a piracema, “época em que os peixes sai para irem em busca de lugar que possam produzir a ova para desovar - pacu, curimantá, aracu, são peixes que desovam no mês de fevereiro à março dependendo da chuva,” assim me explica seu Francisco – meu pai quando buco saber mais sobre a piracema, os peixes passam em cardume na beira do rio Amazonas e todos tem a possibilidade de pegar grandes quantidades para consumo e comercialização, inclusive as mulheres sai bastante para pesca nessa época que vai do mês de agosto a outubro, tempo de fartura do pescado. É sempre uma festa, as vezes passamos a noite tirando peixe da malhadeira, por que quando é laçada em cima do cardume a quantidade de peixe é inúmera, aproximadamente uns 60 kg de peixe de uma vez só conseguimos pegar. A piracema é tempo de muita fartura, e justamente nos meses festivos que acontecem na comunidade, que é a festividade da Nossa Senhora do Livramento e do Esporte Clube Saracura. Quase não tenho memória sobre a padroeira do quilombo Nossa Senhora da conceição, Funes ainda teve essa façanha de registrar relatos sobre a Santa.

A imagem de Nossa Senhora do Livramento, padroeira da Saracura, era desse curador Antônio Gabriel, deixou pra o irmão dele, Manoel Celestino. Ele morreu e ficou pro povo, por que os filhos dele não ligava, nem mulher, nada. O povo é que tomo conta. A comunidade se ajuntou e tomou conta. (Funes, 2015, p.64).

Desde de sua criação, no Quilombo já existia a organização da Equipe Pastoral Catequética Nossa Senhora do Livramento Padroeira da comunidade; Clube de Futebol –

Esporte Clube Saracura/1970, comunidade escolar (Escola Nossa Senhora do Livramento). Na minha pesquisa descobrir que Saracura não tinha só uma igreja – santo protetor, dentre muitas histórias que ouvi, só lembrava de Santo Antonio de Dona Rosalina. Mas na fala de Dona Helena ressalta e me faz lembrar que tinha outros santos na comunidade com suas festas religiosas. Assim como o relato de Dona Mocinha na pesquisa de Funes sobre o Santo Antônio que também existia na comunidade, e cada santo tinha sua festa em uma determinada data.

Tinha Santo Antônio, que era uma senhora antiga que tomava conta. Depois foi o pai dela (Vital), faleceu, e depois a mãe dela, agora ela faleceu, e depois a mãe dela, agora faleceu, agora ele ta lá. A mãe dela se chamava Emila, dona dos Santos. O pai dela chama-se Ricardo.” A imagem de Santo Antônio teve como protetora a mãe de D. Rosalina, que até hoje ta lá em casa.” (Funes, 2015, p.63).

Com o passar do tempo a única festa religiosa no quilombo é a de Nossa Senhora do Livramento. Lembro da minha adolescência dois momentos únicos em que a comunidade se reunia para festejar, festividade da padroeira e do Esporte Clube Saracura, as pessoas davam jeito de comprar roupa nova para essas duas festas inclusive a da Padroeira que até as crianças iam, naquele tempo a festa de Nossa Senhora do Livramento era animada unia festa religiosa com a profana, no final do evento era oferecido um banquete para comunidade e convidados, tinha show de calouros tanto para crianças quanto para os adultos. A derrubada do pau de Mastro era uma festa, todos queria achar o dinheiro escondido entre as folhas de bananeiras e as frutas. A festa de Nossa Senhora do Livramento era feita na área céu aberto na frente da igreja, traziam banda de fora para tocar, as pessoas bebiam e dançavam a noite inteira até ao amanhecer.

A festa do Esporte Clube Saracura, também era um momento esperado por todos inclusive pessoas de fora da comunidade. Nessa festa as crianças e adolescente de até 12 anos não poderiam participar, só os adultos ou aqueles que já tinham 15 anos e os pais levavam.

Nos meados do ano 2003, Saracura começou se organizar, em uma assembleia geral na comunidade, decidiram por unanimidade criar uma Associação Comunitária, Associação da Comunidade de Remanescente do Quilombo de Saracura - ACREQSARA, criada em 28 de junho de 2003, constando a discursão e aprovação do estatuto a eleição e posse da diretoria e conselho fiscal, tendo como primeiro presidente o senhor Aldo Santos. E em 2004, a comunidade de Saracura foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares – (uma instituição vinculada ao Ministério da Cultura, criada através da lei 7.668, de 22 de

agosto de 1988, para promoção e preservação dos valores culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira), como um território Quilombola. Assim como comprova a documentação abaixo, emitida pelo presidente de Saracura Senhor João Elder de Jesus Laurindo

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
Criada pela Lei n.º 7.668 de 22 de agosto de 1988

Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTO-RECONHECIMENTO

O Presidente da Fundação Cultural Palmares, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.387 de 20 de novembro de 2003, que regulamentou o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 2º da Constituição Federal de 1988, **CERTIFICA** que a **Comunidade de SARACURA, situada na Ilha de Saracura, Rio Amazonas, no município de Santarém, Estado do Pará, que se iniciou por volta do século XVIII, com escravos que fugiram para esta ilha, em sua maioria das fazendas escravocratas de Caccol Grande e adjacências, sendo a primeira moradora uma curandeira de nome Sara, daí o nome SARACURA,** registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 001, Registro n.º 020, f. 21, que se auto definiu, nos termos do Decreto supremendicatório e de Portaria Interna da PCP n.º 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n.º 41, de 04 de março de 2004, Seção 1, f. 07, **É REMANESCENTE DAS COMUNIDADES DOS QUILOMBOS.**

Declarante(s): Ass. dos Santos, Divanilda Maria Souza da Silva e Frandrey Oliveira de Jesus, respectivamente, Presidente, Secretária e Tesoureiro da Associação Comunitária de Remanescentes do Quilombo de Saracura – ACRQSARARA, todos residentes da Comunidade de Quilombo de Saracura.

Processo n.º 01-430.000510/2004-11

Eu, **María Bernadete Lopes da Silva** (Ass.) _____, Diretora da Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extrai Brasília, DF, 30 de Abril de 2004.

O referido é verdade e dou fé

UBIRATAN CASTRO ARAÚJO
 Presidente da Fundação Cultural Palmares

DBN Quadra 02 – Ed. Central Brasília – CEP: 70040-904 – Brasília – DF – Brasil
 Fone: (0 XX 61) 424-0105(0 XX 61) 424-0137 – Fax: (0 XX 61) 326-0242
 E-mail: criadefund@palmares.gov.br <http://www.palmares.gov.br>

"A Felicidade da negra é sua felicidade (somente)" (Wally Salcedo)

ACRQSARARA
 ASSOCIACAO COMUNITARIA DE REMANESCENTES DO QUILOMBO DE SARACURA
 INSCRIÇÃO Nº 0114

Comprova com o C-1988 sobre o C-1988

Assinatura: _____

... e não atendimento da presente intimação ampla de Desobediência (art. 330)

Figura 10: Certidão de Auto Reconhecimento do Quilombo de Saracura

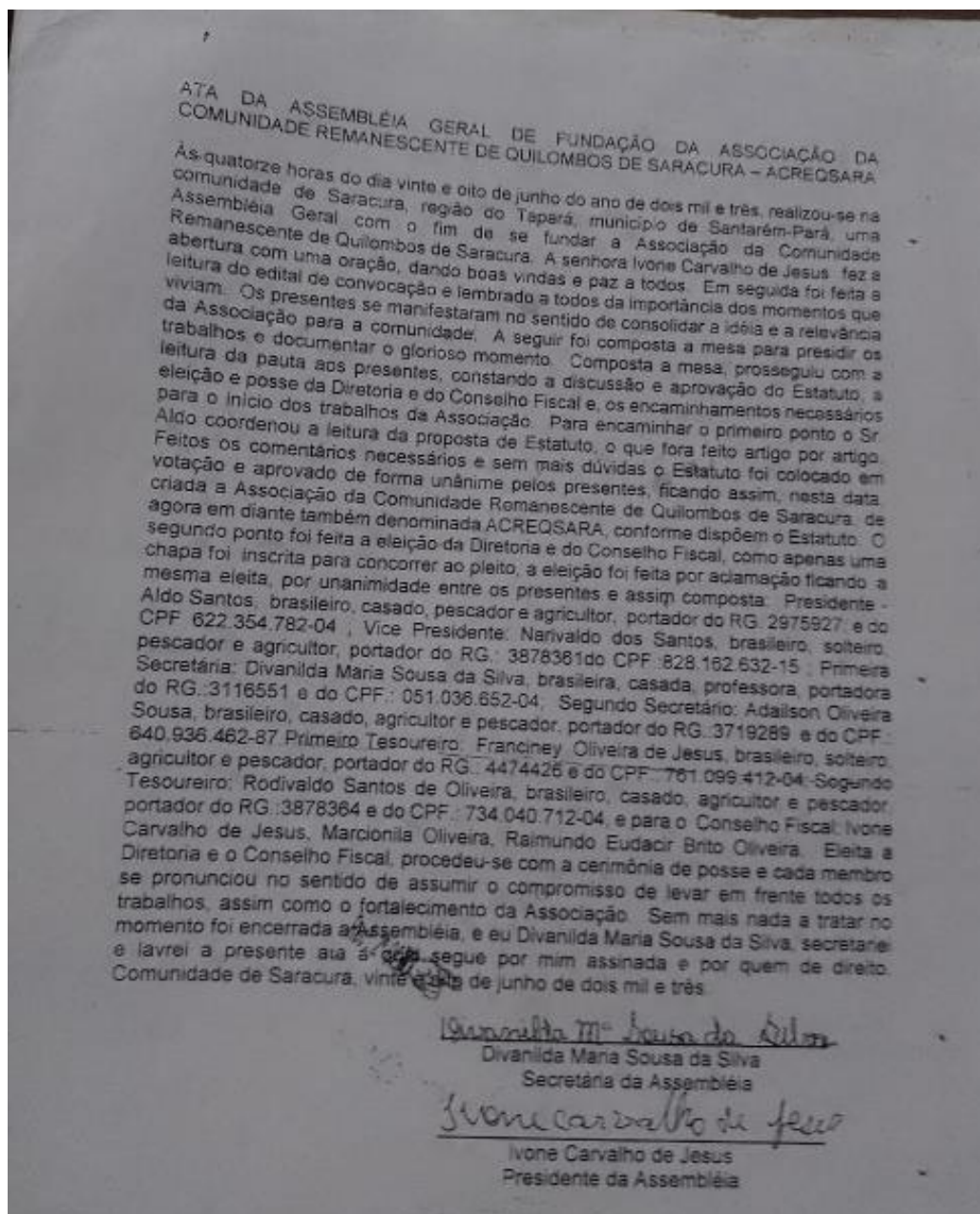


Figura 11: Ata da Assembleia geral da Formação da Associação da Comunidade Remanescente do Quilombo de Saracura - ACREQSARA

A primeira escola do Quilombo onde estudávamos da 1º a 8º série na época, era um barracão de madeira com uma estrutura precária de salas de aula, e as mães que se organizavam para fazer a merenda escolar. Quando comecei a estudar tinha sete anos de idade, as professoras eram da comunidade mesmo Dona Divanilda, Ângela Lúcia, Conceição Ferreira, Hevenina Corrêa, somente a diretora e uns três professores eram de Santarém.

Com o passar do tempo no governo do Lira Maia Prefeito de Santarém, ele mandou construir uma escola de alvenaria na comunidade, no processo de construção eram

os pais, alunos, inclusive eu, no final da aula carregávamos o material de construção que iam chegando para construir a nova escola, após sua inauguração começou atender desde a pré-escola até o 8º ano, onde concluir meu Ensino Fundamental em 2004. Porém, nessa nova escola as professoras da comunidade que mencionei acima, somente Professora Divanilda continuou dando aula, Ângela foi para cozinha (Educadora alimentar até hoje na escola), e as demais não quiseram mais estudar para continuar dando aula. Com isso o quadro de Professores basicamente eram todos de Santarém com exceção da Professora Divanilda que era oriunda do quilombo. Depois foram se formando alguns quilombolas professores e retornando à comunidade como por exemplo Professor Ederlan das Neves, que ainda foi meu Professor no último ano do Ensino Fundamental, retornei em 2010 como Professora, e outros colegas professores oriundo do quilombo Leila Jane Guimarães, Ivanilda Laurindo e Josivam Laurindo.



Figura 12 Foto: Escola Nossa Senhora do Livramento- arquivo pessoal

Por descaso dos governos, que não fizeram manutenção no prédio escolar, mesmo não sendo uma estrutura adequada para região de várzea, ainda aguentou por muito tempo até desabar em 2022. Após dois anos de espera e reivindicação dos comunitários é que o governo veio construir uma nova escola no quilombo, durante esse período os alunos ficaram estudando no barracão comunitário, em baixo das árvores se reinventando para continuar o ano letivo.

A Escola Quilombola é responsável pelo discursão do seu contexto histórico e cultural, considerando as festas, narrativas orais, contos, como um saber vivido, ou seja, fortalecer a localidade, o espaço onde se vivi, a fim de desenvolver o

desenvolvimento social e evitar a evasão dos grandes projetos do governo. (Sousa, 2015, p.36).

A infraestrutura adequada é essencial para garantir um ensino de qualidade. Estudos indicam que o desempenho dos estudantes é melhor em escolas que são seguras, confortáveis, limpas, acessíveis e estimulantes. Portanto para as escolas quilombolas, é importante ter um espaço que não só atenda às necessidades educacionais básicas, mas que também esteja alinhado com os valores socioculturais e as tradições da comunidade.

1.4-Aspectos culturais

No Quilombo as mulheres têm o costume de plantar nos quintais de casa, na comunidade existem diversas plantações no mesmo espaço de terra, como feijão, maxixe, melão, jerimum, bananeiras, etc. Esse tipo de plantio é típico das mulheres que gostam de exercer esse trabalho na agricultura familiar. Os homens com a participação das mulheres e seus familiares costumam fazer grandes roçados para a comercialização, isso só acontece no período da seca. Geralmente plantam melancia ou feijão e depois da colheita plantam o milho, que é o tempo que vem a enchente e o milho resiste um pouco de tempo até a colheita chegar, antes da água inundar a terra, e tudo fica submerso as águas do rio Amazonas, obedecendo um ciclo de enchente fenômeno natural que vai de maio a julho, nesse período só dar para sobreviver da pesca e dos benefícios sociais, locomover-se apenas de canoa ou bajara. Final de julho a água começa a baixar, aí vem a vazante que vai de agosto a abril, período que dar para plantar na região de várzea. Assim, como as mulheres plantam elas também são pescadoras e a maioria são associadas a Colônia de Pescadores Z20, em Santarém, tenho um Núcleo de Base que coordena a organização de pescadores e pescadoras do Quilombo. Esses movimentos são tradições corriqueiras da comunidade.

Na comunidade existem períodos onde ocorre festas no Quilombo que estão relacionados as festividades culturais, em julho tem a festividade de São Pedro padroeiro dos pescadores. setembro a festa do Esporte Clube Saracura, fevereiro Festival do Jerimum a qual a Senhora Raimunda compôs uma música para o festival, em minha entrevista podemos ouvi trechos da música intitulada “Festival do Jerimum”, e em outubro a festividade de Nossa Senhora do Livramento. São eventos culturais do Quilombo que acontece todos os anos na mesma data.

Tem a festa de N.S. do Livramento que é a padroeira daqui. Essa imagem que tem aqui é antiga. Quem trouxe essa imagem foi o senhor de nome Antônio Gabriel. Ele morava aqui, mas só depois ele foi embora. É antiga: acho que quando a minha avó chegou aqui ela já estava. Que zelava pela igreja, pela imagem, era um senhor de lá chamado Manuel Celestino. Ele que comandava tudo, organizava, aí depois ele faleceu, a comadre tomou conta. (Funes, 2015, p.63)

É na festividade de Nossa Senhora do Livramento que acontece o ritual do mastro, enfeitam a madeira com folhas secas de bananeira, frutas, dinheiro, bebidas e a bandeira da padroeira. No primeiro dia que antecede o início da festividade no período de fim de tarde, levantam o mastro antes da romaria sair, para percorrer na comunidade até a casa do senhor que ira recebe-la, e na manhã seguinte ocorre o sírio que percorre toda comunidade com missa na chegada a igreja, é uma semana festiva com novenas, vendas, bingos e apresentações das CEBES celebrantes de cada noite no decorrer da semana, e no ultimo dia tem a derrubada do Mastro, onde as mulheres vestidas de baianas do quilombo dançam e tocam instrumentos ao redor do Mastro um ritual de derrubada, também organizam uma mesa cheia de frutas para dar as pessoas presentes na festividade, depois que o mastro é derrubado e são consagrados novos grupos organizadores para o próximo ano.

Todos que participam de forma direta na festividade organizadores, lideranças, baianas, patrocinadores tem direito a dar uma machadada no mastro afim de derrubá-lo, a primeira a dar o golpe na madeira do Mastro é o (a) juiz(a) da organização e na sequência a organizadora da festa vai chamando os demais para cortar. Quando o Mastro cai todos correm para pegar frutas, bebidas, procurar principalmente o dinheiro ali escondido, é uma festa a derrubada, aquele que pega a bandeira, a bebida, os dinheiros serão a equipe responsável para o próximo ano de tirar e organizar o mastro. Nesse último dia é festa o dia todo com almoço para as famílias, músicas carismáticas, vendas e o bingão da festividade, encerra a festa com a derrubada do mastro². Não acontece a festividade como antigamente quando eu era adolescente, nesses últimos anos teve muitas mudanças.

Registro aqui a festividade de Nossa Senhora do Livramento 2022.



Figura 13 Festividade de N. S. do Livramento ano 2022- Arquivo pessoal)

²Mastro - elemento tirado da natureza por um grupo de pessoas responsáveis pela organização do mastro da festividade da padroeira.



Figura 15: Círio de N. S. do Livramento 2022-Foto: arquivo pessoal



Figura 14: Encerramento da festividade, Derrubada do Mastro- Foto: Arquivo Pessoal

1.5-Saracura hoje e as lutas atuais

Atualmente o Quilombo de Saracura, está organizado da seguinte forma: Associação Comunitária – ACREQSARA; Equipe Pastoral Catequética Nossa Senhora do Livramento e CEBES (Religião predominante católica); 2 Clubes de Futebol – Esporte Clube Saracura e Luzo Brasil Esporte Clube, ambos os clubes com times femininos e masculinos; Movimentos de Mulheres: Meninas do Quilombo; Grupo de Jovens: Renovação; principal economia pesca e agricultura; Manifestações Culturais: Festividade de Nossa Senhora do Livramento (Ritual da derrubada do mastro), festa do Esporte Clube

Saracura, Festival do Jerimum. É tradição no Quilombo andar de canoa ou motor rabeta, plantar sempre que acaba o período de inverno na várzea;

As lideranças têm lutado bastante para trazer melhorias para comunidade, apesar do avanço em alguns aspectos, como: Escola com estrutura adequada para região de várzea (construção de madeira), com poço artesiano/ água potável, que também de forma acessível - distribuída aos moradores da comunidade, para beber, cada família contribue com 5 reais para manutenção do poço. A escola atende da Educação Infantil ao Ensino Fundamental (pré-escola I e II, series iniciais/finais - 9º ano) e Ensino médio - Modular; estão matriculados 117 alunos no fundamental e 42 no ensino médio. Os professores do Ensino Fundamental 80% são oriundos do Quilombo, desde do vigia a gestão escolar - com formação do Magistério ou Graduação em sua maioria na área da pedagogia. Quanto aos professores do Ensino Modular são todos do município de Santarém. O calendário escolar da região de várzea atende uma especificidade por conta do ciclo das águas a enchente, por isso, diferente do urbano as aulas iniciam em agosto e vão até meados de abril.

Mesmo com toda essa mudança que significa um pequeno avanço na educação escolar quilombola, ainda falta avançar bastante para que os alunos Quilombolas possam ter acesso a uma educação formal de qualidade e diferenciada, uma educação antirracista, que respeite suas especificidades culturais, e possibilite aos quilombolas o protagonismo, compreensão sobre a sua realidade, que busque potencializar o desenvolvimento intelectual, cultural, político e social. Que permita compreender sua existência em uma sociedade que a todo momento tenta apagar e estereotipar sua cultura e identidade do povo Quilombola, esses alunos também precisam estar preparados para ingressar na universidade, seja pelo acesso a universidades públicas ou particulares, pelo Processo Seletivo Especial Quilombola (PSQ) ou pelo regular através do ENEM, cotas etc.

Do que desrespeita a saúde, ainda não há um local voltado para o atendimento à saúde no quilombo, quando as pessoas precisam de ajuda médica deslocam-se diretamente para Santarém/PA ou vão até o posto médico que fica na região da comunidade do Tapará. Um aspecto histórico importantíssimo para o quilombo, foi a retirada de fazendeiros brancos da comunidade e divisão dessas terras para os associados (que em sua maioria moravam dividindo pequenos pedaços de terra familiar, com 3 ou mais casas, só em um terreno; proporcionou moradia a várias famílias, que não tinham terreno e também aquelas famílias que estavam na área de risco por conta do fenômeno das terras caídas.

A maioria das familiares tem acesso as políticas públicas, bem como benefícios sociais: Z20 para pescadores (as); bolsa família; Universidade Pública – UFOPA pelo PSQ

(Processo Seletivo Especial Quilombola). Mais ainda é árdua a luta pela titulação da terra, construção de um posto de saúde e energia elétrica para a comunidade Quilombola de Saracura. Outra luta importante é um Processo Seletivo Simplificado (PSS) especial para professores quilombolas, pois o PSS normal dificulta a permanência desses professores quilombolas em sua comunidade escolar, inclusive a continuidade da formação continuada por conta da mudança do quadro de funcionários a cada (PSS). É uma demanda também que o Ensino Modular se torne Ensino Médio Regular para que os alunos possam ter uma educação de qualidade.

De acordo com Wanildo Figueiredo todo esse processo de reconhecimento tem grandes aparatos legais em decreto a favor do reconhecimento das terras quilombolas.

Aparato legal o Decreto No. 4.887, de 20 de novembro de 2003, da Presidência da República, que regulamenta a aplicação do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Decreto que nasce a partir da pressão do movimento negro e da necessidade de agilizar o processo de titulação das terras quilombolas, algo que não deveria estar nas disposições transitórias, mas sim como uma prática constitucional de um Estado supostamente preocupado com o direito e a cidadania daqueles que, por uma série de razões, sempre foram vistos como um problema para os governantes e as elites latifundiárias. O referido decreto afirma em seu Artigo 2o. – Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para fim deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. Parágrafo 1o. - Para fins deste Decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos é atestada mediante autodeterminação da própria comunidade. Parágrafo 2o.- São Terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural. Parágrafo 3o.- Para a medição e demarcação das terras serão levados em consideração critérios de territorialidade, indicado pelos remanescentes das comunidades dos quilombos, sendo facultado à comunidade interessada apresentar as peças técnicas para a instrução procedimentais. (Sousa, 2015, p 47).

A luta por melhorias das comunidades Quilombolas não são de hoje, partem a partir de uma reparação histórica, e de direitos pautados por leis que não são vivenciadas na prática da população quilombola, direito a terra, moradia, saúde, educação são direitos básicos pautados na Constituição Federal. Porém os governos não atendem a necessidades que temos no quilombo, e muitas das vezes fazem descaso assim como a reforma e construção da escola Nossa Senhora do Livramento que passou 2 anos para poder começar a ser construída após várias reivindicações da comunidade. Um lugar tão próximo do município é que ao mesmo tanto parece tão distantes quando se trata d direitos básicos como a construção de um posto de saúde e energia elétrica.

A Associação da Comunidade de Remanescente do Quilombo de Saracura – ACREQSARA tem pautado essas demandas junto aos governos para que nos apoie e busque projetos que possam contemplar esses direitos no nosso território quilombola, assim com a FOQS que reuni todas as comunidades quilombolas de Santarém em busca de melhorias para todos enquanto comunidades quilombolas. É importante ressaltar que no quilombo as mulheres lideram as demandas nos movimentos sociais e organização da comunidade, estão organizadas no grupo de mulheres quilombolas – Meninas do Quilombo e também nas demais organizações do quilombo enquanto representantes em instituições.



Figura16: Foto: Arquivo grupo de Mulheres Meninas do Quilombo

2. MULHERES QUILOMBOLAS

2.1- Presença de mulheres no movimento quilombola

Historicamente a formação do território quilombola é parte da resistência da mulher quilombola, de modo que, é indissociável falar de quilombo e não evidenciar o papel de mulher quilombola. Há exemplo temos lideranças femininas como Dandara dos Palmares (mulher quilombola, líder comunitária no quilombo palmares e esposa de Zumbi dos Palmares), Anastácia (uma mulher quilombola a frente da sua época fez história no quilombo de Anastácia), Tereza de Benguela (liderou o quilombo do Piolho por muito tempo, sua luta pela resistência contra a escravidão ficou marcada, conhecida como rainha Tereza- após a sua morte, o dia 25 de julho é oficialmente no Brasil o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra), Sara (uma mulher negra/quilombola, que na época

exercia o ofício da cura, fundou o quilombo de Saracura no município de Santarém/Pará), Maria Valentina (mulher negra quilombola que defendia seu território, o qual ficou conhecido como Território Maria Valentina na região do Ituqui Santarém/Pará). Mulheres quilombolas lideranças que abriram caminhos para novas gerações de mulheres quilombolas continuarem lutando pela resistência e existência de seus territórios. A presença de mulheres no quilombo é o que estrutura o movimento dentro das comunidades que possibilita a luta pelo território. É fazendo esse movimento Sankofa³, que percebemos que a luta dessas mulheres tem importância histórica, sobretudo na perspectiva da continuidade desse protagonismo.

A coletânea organizada por Selma dos Santos Dealdina, intitulada “Mulheres Quilombolas”, reúne vozes de mulheres quilombolas de diferentes regiões do Brasil. O livro apresenta relatos de histórias, vivências e trajetórias de mulheres que avançam na luta do movimento quilombola. Por sinal, Dealdina é mulher quilombola do Angelim III, território do Sapê do Norte, em São Matheus no Espírito Santo. Assistente social, atuante em diversos coletivos e movimentos sociais, inclusive no Coletivo de Mulheres da CONAQ (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas) movimento esse que ganha destaque em seu livro e no qual atua como secretária executiva. Esse coletivo surgiu com a intenção de discutir direitos e interesses das mulheres quilombolas que devem ser garantidos, como o acesso à educação de qualidade, aos serviços de saúde, ao enfrentamento à violência, a promoção de oportunidades econômicas, territoriais e participação política, uma vez que já são fortes lideranças em seus territórios. É importante que as necessidades dessas mulheres quilombolas sejam desenvolvidas em colaboração com as comunidades levando em consideração as especificidades e diversidade da população quilombola.

Selma Dealdina fala da luta das mulheres quilombolas em defesa do território ressaltando a importância do reconhecimento pela identidade territorial, reconhecida pela Fundação Palmares (PCF) – uma instituição vinculada ao Ministério da Cultura, criada através da lei 7.668, de 22 de agosto de 1988, para promoção e preservação dos valores culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira, ela afirma que somos mais de 6 mil quilombos no Brasil e que nos tempos atuais a carta de alforria simbólica é a certidão emitida pela Fundação Cultural

³ símbolo Adinkra originário da África Ocidental que representa a sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro, nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás, representado por um pássaro com a cabeça virada para trás.

Palmares – que por meio dessa certidão o estado nos reconhece como cidadãos quilombolas com direitos que contemplam nosso território, o que me levou a pesquisar os dados atuais do IBGE Censo 2022, o Brasil registra 1.327.802 pessoas que se autodeclaram quilombolas, o que representa 0,65% da população brasileira. Levando em consideração essa população quilombola reconhecida no IBGE, das 3.614 comunidades que participaram do processo de reconhecimento como remanescente de quilombo a Fundação Cultural Palmares, emitiu 2.946 certidões de autodeclaração.

Segundo que a estimativa da CONAQ e da Terra de Direitos, considerando o ritmo das titulações, o Estado brasileiro levaria mais de seiscentos anos para titular todos os quilombos do Brasil, considerando processos abertos no Incra e os territórios ainda não certificados.

Os quilombolas resistem a séculos a violência racista do Estado brasileiro e de agente privado detentores do poder. A luta negra quilombola está representada nos quilombos que até hoje lutam por igualdade social, racial e de gênero. Acesso à terra, à água, à moradia, à educação, valorização da agricultura tradicional, proteção de defensoras e defensores de direitos humanos e salvaguarda das sementes e do meio ambiente são algumas das pautas de luta dos quilombos (Dealdina, 2021, p.31)

Neste sentido, a defesa dos interesses territoriais em busca da titulação das terras remanescentes de quilombo é uma das principais lutas do movimento quilombola, que conta com apoio direto de mulheres, uma vez que elas desempenham um papel fundamental em suas comunidades a frente das organizações comunitárias, sendo um símbolo de resiliência, liderança e cooperação. Elas contribuem significativamente para o fortalecimento da luta por direitos de seus territórios e protagonizam uma rede de solidariedade e apoio na luta pela terra. Protagonismo esse que a muito tempo ficou invisibilizado da cena pública, essas mulheres enfrentam violações no acesso a essas políticas devido ao racismo estrutural e especulação latifundiária, é um desafio ser mulher quilombola diante da negação persistente de direitos de cidadania e das lutas de resistência de nossas comunidades.

O livro organizado por Selma Dealdina também registra saberes e empoderamento através da poesia, música de Ana Cleide da Cruz Vasconcelos – mulher quilombola do quilombo de Arapemã, em Santarém, Estado do Pará, que é coordenadora do Movimento de Mulheres Negras Quilombolas de Santarém na Raça e na Cor, cantora e compositora, autora de 29 letras de músicas que exaltam a mulher em defesa de seus direitos e a luta do povo negro quilombola. Desde 2005 é ativista da Federação das Organizações Quilombolas de Santarém – movimento que integra os quilombos do município de Santarém. Ana Cleide

é signo da representatividade da mulher quilombola artista em nossa região, que leva sua música para alegrar e empoderar mulheres no movimento quilombola, como, por exemplo, a canção Negra Nagô, sua primeira música, baseadas em seu dia-a-dia e vivências nas comunidades, suas músicas retratam a vida e cultura dos quilombos através de letras provocativas e inspiradoras. Sua música Negra Nagô - é uma forma de fortalecer a organização de mulheres e homens que lutam pela efetivação de seus direitos e por seus territórios.

Lê lê, lê, lê êêê/ lê, lê, lê êêê/ lê, lê, lê êêê,

Eu sou negra nagô/ no sangue/ na raça e na cor. (bis)

Quem foi que disse que negro não tem valor/ que negro não tem sentimento / que negro não sente dor?" (bis)

Outras mulheres quilombolas também ganham espaço nesse livro: Givânia Maria da Silva - mulher quilombola de Conceição das Crioulas, no Salgueiro em Pernambuco; Vercilene Francisco Dias - mulher quilombola do Vão do Moleque, Território Kalunga em Goiás; Gessiane Nazário quilombola da Rasa, em Armação dos Búzios no Rio de Janeiro; Sandra Maria da Silva Andrade quilombola de Carrapatos da Tabatinga, em Bom Despacho Minas Gerais; Valéria Pôrto dos Santos do quilombo Pau D'arco e Parateca, em Malhada, Bahia e mais 11 mulheres quilombolas apresentam teorizações de suas histórias, de seus direitos, afirmam a identidade da mulher quilombola, a luta pela existência e resistência como lideranças em seus quilombos e as violências que incidem sobre seus corpos e suas comunidades. São protagonistas de seus saberes e vivências, como símbolo de um caminhar coletivo capaz de superar desafios e alcançar grandes feitos.

É a partir desses interesses comuns, e movidas pelo desejo de dignidade em busca de condições adequadas para existência individual e coletiva que as mulheres quilombolas se articularam e potencializaram o Encontro de Mulheres Negras Quilombolas do Pará, em parceria com outras organizações sociais como o Movimento Negro. De acordo com a MALUNGO - Coordenação das Associações das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Pará, a articulação de mulheres negras quilombolas teve seu primeiro encontro em 2002 no Quilombo de Bacabal no município de Salvaterra. Om evento vem acontecendo de forma anual, em diferentes cidades e comunidades quilombolas. Em 2024, o movimento de mulheres caminha para construção para do XXII encontro.

Esses encontros vêm possibilitando espaços de discussão da promoção da equidade racial, social e de gênero no Estado do Pará, com destaque para a luta das mulheres quilombolas na defesa de suas comunidades.

É nessa perspectiva que a luta das mulheres quilombolas transpassam as barreiras do quilombo em busca das políticas públicas e direitos iguais para todos e todas. As mulheres são sujeitas nessa história de resistência, são protagonistas, são parte essencial da luta, do conhecimento e dos saberes quilombolas:

As mulheres quilombolas atuam como um acervo da memória coletiva; como elas estão registradas as estratégias de luta e resistência nos quilombos, os conhecimentos guardados e repassados de geração em geração. São diferentes formas de produção de conhecimento, através de uma diversidade de saberes, incluindo conhecimentos tradicionais e científicos. Dentre os papéis que desempenham está os de guardiãs da pluralidade de conhecimentos que emergem e são praticados em territórios quilombolas. (Silva, Givânia Maria da In: Dealdina, 2021, p.54).

A autora salienta um papel crucial de preservação e transmissão de conhecimentos ancestrais e culturais que a mulher desempenha a partir do seu contexto, da sua realidade de vida, do lugar onde vive e das suas experienciais, empreendidas quer seja do sofrimento ou das alegrias vividas, histórias que formam a identidade e a resistência de suas comunidades. Essa transmissão é essencial para continuidade e o fortalecimento da cultura quilombola ao longo de gerações. As mulheres sempre estiveram articulando e decidido empreendendo ações na comunidade, de modo a tornarem autoras de sua própria história. Podemos perceber que o poder das mulheres é marcante no processo de construção familiar e coletiva da comunidade. O empoderamento e o protagonismo dessas mulheres são vistos na liderança de seu povo.

A maioria das mulheres ganham visibilidade no movimento quilombola a partir do momento que saem do contexto familiar para atuar socialmente a frente dos movimentos sociais, através da articulação do movimento de mulheres comunitárias fundado nas comunidades, elas ocupam cargos de lideranças em associações e federações, e sua participação ativa tem sido crucial na luta pelo território, mesmo enfrentando desafios como o racismo, o machismo e a violência de gênero.

No movimento quilombola, as mulheres ainda ocupam um lugar de minoria em relação ao reconhecimento público e ao destaque dado em seu engajamento. O movimento quilombola, embora apresente suas particularidades, não deixa de ser um local de atuação política inserido numa sociedade em que o protagonismo de mulheres em ambientes de poder não é comum. As mulheres que se destacam em nossa sociedade ainda é minoria num universo povoado por homens. (Andrade, Sandra Maria da Silva e Fernandes, Ana Carolina Araújo In: Dealdina, 2021, p 119.)

Embora a presença dessas mulheres quilombolas no movimento seja pouca numerosa, não por elas, mas também pela imposição da sociedade machista que temos, muitos homens (maridos) impediam suas esposas e filhas de participar de forma direta do movimento quilombola, mesmo sabendo que era para buscar melhorias para o bem-estar de todos. Subentendiam que as mulheres eram somente para estar nos afazeres domésticos de casa, tolhendo a vontade de participarem das organizações e ao enfrentamento público. Mas aos poucos as mulheres quilombolas vem ganhando espaço dentro do movimento e sendo reconhecidas por sua participação efetiva na luta por direitos territoriais, contribuição para cultura e sustentabilidade das comunidades quilombolas.

Inúmeras mulheres só vieram entender que poderiam estar na frente de qualquer movimento e lugar que quisesse após o empoderamento daquelas que foram em buscar de se organizar enquanto movimento de mulheres liderando e impulsionando o movimento quilombola. Hoje temos o movimento nacional de mulheres quilombolas a CONAQ, o movimento regional a Malungu e os movimentos de mulheres locais (das comunidades quilombolas) que se articulam em prol da luta pelo direito de seus corpos, discriminação, violência, apagamento da nossa existência como mulheres de luta e de construção coletiva nos territórios. Esses trabalhos das mulheres são visíveis na luta do movimento quilombola, por desempenharem papéis essenciais liderando lutas por direitos a terra, igualdade racial, acesso a educação e saúde entre outras questões. Nessa liderança destacam-se pela resiliência, visão estratégica e compromisso com suas comunidades.

2.2- Presença histórica da mulher quilombola

Nos últimos tempos a história da mulher quilombola vem ganhando destaque nas narrativas sobre os quilombos. E surgiu um novo conceito “Devir quilomba”, para dar mais visibilidade ao protagonismo das mulheres quilombolas na luta por seus territórios.

Mariléa de Almeida em seu artigo “Devir quilomba e a feminização do conceito de quilombo no Brasil” enviado em 2021 ao portal Geledés, traz um conceito ao que diz: “Devir quilomba” – Devir, conceito filosófico que pressupõe mudança, acrescido da palavra quilomba, evoca as condições históricas que produziram a feminização da ideia de quilombo, possibilitando a visibilidade contemporânea das mulheres quilombolas na luta pela terra. E ressalta que a palavra feminização defere da palavra mulher, o terno é usando para a valorização de aspectos culturais atribuídos a cultura feminina, envolvendo uma atenção consciente a própria vida e do local onde reside.

As mulheres quilombolas desempenham um papel importante na história e cultura dos quilombos. Ainda que suas contribuições sejam muitas vezes invisibilizadas, mas são guardiãs de saberes, práticas e solidariedades essenciais como parteiras, líderes, curandeiras que mantem vivo os saberes ancestrais contribuindo para a construção de um futuro mais justo e igualitário, são empoderamento e identidade do povo quilombola.

Há muitos tempo a mobilização política das mulheres negras quilombolas tem atuado principalmente na defesa dos interesses territoriais. Daí a importância de fortalecer o protagonismo dessas mulheres. Os encontros de mulheres negras quilombolas tem possibilitado esse espaço e tem como objetivo promover a equidade social e de gênero do Estado do Pará. (Revista Reafirmando identidade quilombolas do Pará, p29).

Na luta das mulheres negras quilombolas conseguimos enumerar vozes que articulam a representatividade feminina em diversos setores da sociedade, inclusive dentro dos seguimentos das comunidades quilombola, as mulheres estão na frente das diversas organizações, como lideranças da manutenção e resistência da cultura negra, ancestralidade e sobrevivência, em algumas pesquisas é possível notar a presença de relatos dessas mulheres, a exemplo a pesquisa de Funes (2015) onde apresenta vozes de mulheres quilombolas como parte importante do processo histórico e cultural das comunidades e a publicação do livro “Mulheres quilombolas: territórios de existências negras e femininas” em 2021, escritos por dezoito mulheres quilombolas, o livro teoriza sobre suas experiências, vivências e resistência. São exemplos desse movimento que potencializa a história da mulher quilombola, agentes de mudança, e seu devir quilomba representa uma trajetória de resistência, afirmação e transformação.

Identificamos que muitas dessas lideranças passam por situações de violência doméstica e percebemos que elas adotam a luta em defesa dos direitos coletivos ao território como estratégia de autofortalecimento e de apoio mútuo para a superação coletiva dos dilemas pessoais. Seguindo o legado de nossas ancestrais, as mulheres do quilombo continuam sendo as principais guardiãs e transmissórias do conhecimento de geração para geração. (Mendes, Maria Aparecida In: Dealdina, 2021, p 64).

Na minha comunidade, assim como outras comunidades quilombolas, as mulheres protagonizam a luta histórica em defesa do território desde da formação do quilombo. Como ocorreu, por exemplo, no território denominado “Maria Valentina”, em Santarém, que agrega as comunidades quilombolas da região do Ituqui: Nova Vista, São José e São Raimundo. Sobre Maria Valentina, a entrevista da D. Maria Otilia Ramos (Tia Gó) concedida à Eurípedes Funes, é bastante reveladora sobre a história do nome: “*Eu cheguei*

a conhecer a mãe da mamãe – Maria Valentina – uma preta velha danada, que andava por estes campos de espingarda, olhano quem ia tirá lenha, que ela botava pra corrê. A velha era ticenta numa espingarda” (D. Maria Otilia Ramos. In: Funes, p. 117). Como se nota, a narrativa de D. Maria Otilia apresenta Maria Valentina, sua bisavó, como uma mulher “preta danada” corajosa, temida e defensora do território quilombola. É certamente por essas características que todo o território ficou assim identificado. Abaixo, inserimos o mapa das comunidades que situa o território Maria Valentina.

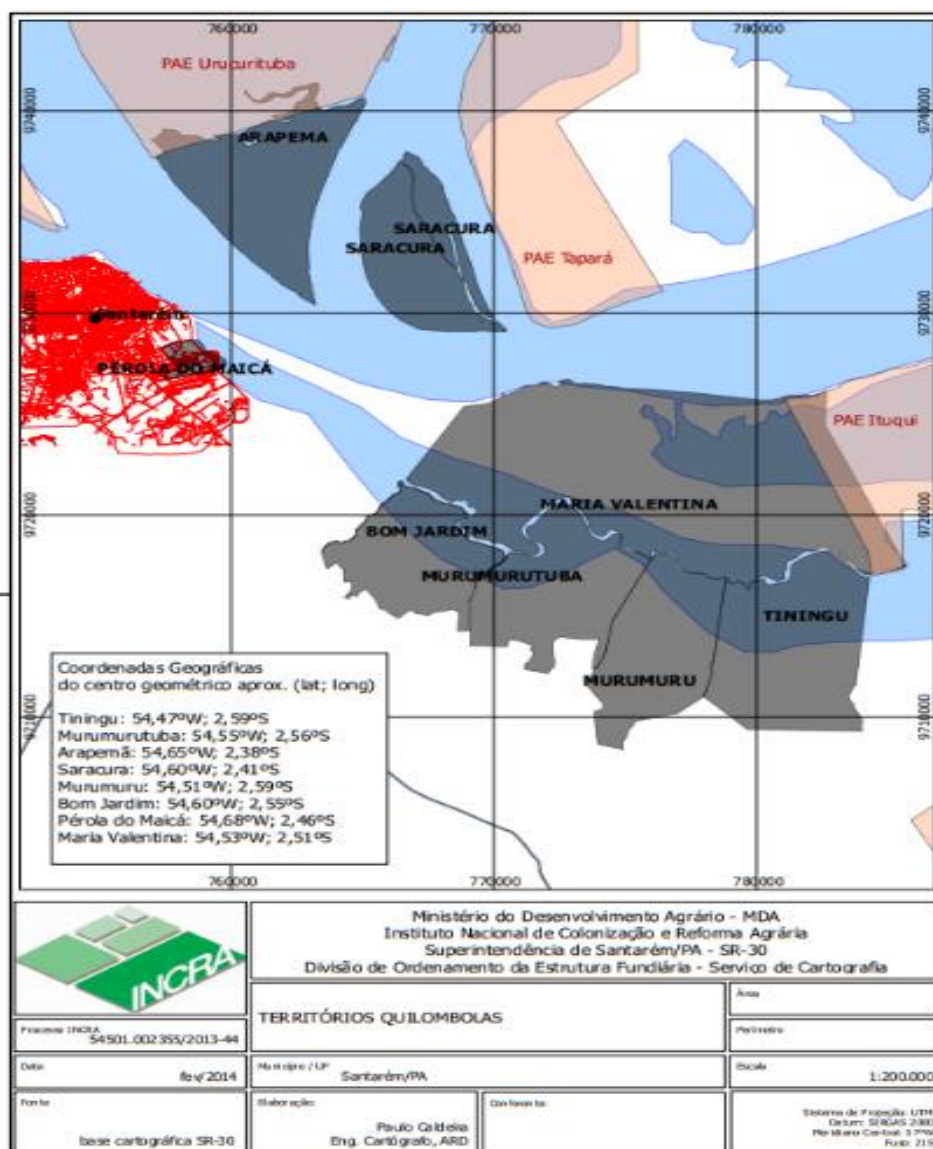


Figura 17: Fonte: Google imagens

Outro exemplo, já citado neste trabalho, é vem da minha comunidade de Saracura, nome em homenagem a Sara - mulher visionária, que viveu em sua humildade, associando-se ao curandeirismo herdado dos seus ancestrais. Sara enfrentou a intolerância de seu tempo

e da religião dominante e repressora, e deixou um legado cultural e comunitário que as novas gerações seguem dando continuidade.

Atualmente, na comunidade de Saracura, essa continuidade do movimento feminino se materializa na organização e mobilização do Grupo de Mulheres Menina do Quilombo. É a partir desse grupo de comunitárias que muitas mulheres puderam ampliar seu protagonismo e suas lutas para além da comunidade em busca de políticas públicas junto com a outros coletivos de mulheres quilombolas. Sou fruto de uma geração de mulheres que desde cedo participam de organizações em lugares diversos da minha residência habitual, inclusive participei de vários encontros de mulheres quilombolas, na comunidade, na FOQS e também do encontro regional. Nesse contexto, representei meu Quilombo no VI Encontro de Mulheres Negras Quilombola, em 2010, realizado no Município de Acará, Comunidade Quilombola da Itacuã-Mirim/Belém, evento organizado pelo CEDENPA (Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará), e coordenado, na época, pela professora Zélia Amador de Deus em parceria com outros órgãos dos municípios participantes e pelo Movimentos de Mulheres Negras quilombolas do Estado do Pará.



Figura 18: Certificado de VI encontro de mulheres quilombolas. Foto Arquivo Pessoal

A luta das mulheres quilombolas de saracura em suas narrativas, nos esclarecem que através das histórias, músicas resistem a um sistema capitalista e excludente, lutam por melhorias inclusive do meio ambiente (preservação), direito a terra, saúde, educação de qualidade. Assim como as mulheres de outros quilombos de nossa região.

Em minha pesquisa, Dona Raimunda Silva, compositora da música sobre o meio ambiente, denuncia as mudanças climáticas por conta do descaso do homem para com o meio ambiente, e também um fato existente na comunidade que são as lutas para preservação dos lagos de pesca, onde as mulheres se reúnem em grupos e vão vigiar, no entanto essa é uma atividade conflituosa entre algumas pessoas da comunidade e de outros lugares que invadem os lagos, não toleram a luta igualitária e bem estar de todos no quilombo. E nesse processo de defender o que tem na comunidade, as mulheres também são vítimas de violências, são ameaçadas de morte, desrespeitadas principalmente por serem mulheres, o mais importante que apesar da situação ameaçadora, perigosa elas não desistem.

Por conta desse descanso pela natureza, o pássaro que minha vó Conceição Oliveira, poetiza em sua música “Siricó”, antes de contar sobre a história e origem do nome da comunidade, ela cantava essa música e lembrava a beleza do pássaro, que agora é raro vê-lo no nosso quilombo, por conta da mudança do meio ambiente, história essa que percorre gerações. A oralidade se apresenta aqui como uma importante ferramenta para construir essa consciência histórica e a ressignificação das narrativas de mulheres quilombolas, pois, é através dela principalmente que se transmite as vivências e as culturas históricas dentro do quilombo.

Nos quilombos os valores culturais, sociais, educacionais e políticos são transmitidos às e aos mais jovens pela oralidade. A mulher quilombola tem um papel fundamental na transmissão e na preservação das tradições locais; na manipulação das ervas medicinais, no artesanato, na agricultura, na culinária e nas festas. São as mulheres quilombolas que desempenham um papel central, estabelecendo vínculo de solidariedade e transmitindo experiências. (Dealdina, 2021, p37).

Neste contexto encontramos mulheres quilombolas que são importantes figuras para transmitir histórias, narrativas e músicas. Em um contexto rural e com menor índice de letramento a oralidade ganha mais poder, pois as mulheres do quilombo, tanto quanto, num geral entre as pessoas mais idosas há uma grande defasagem nos estudos, a maioria deste público só tem até no máximo o 4º ano do Ensino Fundamental, designado na época

por 4ª série, inclusive as mulheres que foram pesquisadas por mim, é importante salientar que os griôs portadores da sabedoria, representam a tradição oral das mulheres pesquisadas neste trabalho. São essas mulheres que utilizam a fala para enaltecer suas práticas culturais e identidade negra quilombola. É a partir da tradição de se contar histórias que o grupo passa a se identificar e formar laços de união. São mulheres quilombolas que guardam em suas memórias muitas histórias, narrativas e lutas de todo um processo histórico, cultural e social do quilombo.

2.3– Mulheres na história de Saracura

Atualmente a mulher mais idosa de Saracura é Dona Macionila com 95 anos. Além de Funes (2005), também tive a oportunidade de entrevistá-la em minha pesquisa. Os mais velhos são responsáveis de repassar as gerações mais novas as memórias que constituem a história da comunidade. Nesta unidade trago vozes de mulheres que fizeram parte da pesquisa de Funes (2005) especificamente no quilombo de Saracura Dona Marcionilia e outras 3 mulheres protagonizam suas vivências e saberes fortalecendo a compreensão da comunidade para entrevistas. E nesse paragrafo diante da fala de minhas ancestrais posso contribuir com minha escrevivência. O termo escrevivência utilizado pela escritora Conceição Evaristo – refere-se a abordagem literária e filosófica desenvolvido por ela, fazendo a combinação do termo “escrita” e “vivência”, destacando a interseção entre a experiência pessoal e a expressão literária, a escritora usa sua obra para dar voz as experiencias de mulheres negras.

Marcionilia de Oliveira – 67 anos D. Mocinha, que dentre muitos relatos trás a lembrança de quando os negros escravizados trabalhavam na plantação e colheita do cacau na fazenda de Cacoal Grande memória repassada pela sua mãe e avó Lucia que por sinal foi escravizada, menciona ela em conversa com o pesquisador.

Mas falava. Falava sim. Olhe, ela contava que eles saiam de madrugada para molhar a horta. Ai quando o sol saia, já ia apanhar cacau. Justamente ela tinha uma filha a mais velha, ela levava a rede dela pro cacaoal, lá amarrava a rede, quebrava o cacau, empalhava o panero, tirava a semente do cacau, tudinho, botava uma vasilha embaixo e saia aquele vinho. Ela ia trabalhando, quando a rede da menina ficava longe ela ia buscar. Ai quando era deles pararem, paravam, iam almoçar. Mas todo dia ainda tratavam da semente do cacau no sol, pra secá. Ela contava que só tinha duas mudas de roupa, uma pra trabalho e outra pra dormir. (Funes, 2005, p57).

Nessa época o trabalho na agricultura estava voltado para o plantio e colheita da juta, cacau atividade desenvolvidas por homens e mulheres desde dos tempos da escravidão

no Brasil. A exploração do trabalho manual das mulheres eram desenvolvidas em diversos setores, inclusive na agricultura bem como da cana de açúcar nos meados do século XVIII A XIX, contribuindo para o desenvolvimento da indústria nesse país, e as mulheres negras já desenvolviam um papel multifuncional nas plantações, além de cuidar de suas famílias, enfrentavam condições difíceis para manter as plantações de seus senhores. Na fala de D. Mocinha podemos deduzir o sofrimento, as condições desumanas, violência e exploração que as mulheres negras passavam com seus filhos, a serviço de seus senhores perpetuados por interesses econômicos e coloniais da época.

D. Corina Oliveira dos Santos, 85 anos, nascida e criada em Saracura em sua conversa fala da relação familiar e da mãe que é pai ao mesmo tempo, e traz um diálogo lembrança do tempo da escravidão na fazenda Cacoal Grande que vai de encontro ao relato de D. Mocinha, diz D. Corina ao ser entrevistada por Funes, quando pergunta se os avos de D. Corina eram escravos?

Eram. Eles vieram do Cacoal Grande, Remanso. Essas coisas, lá eles paravam trabalhando, ela me contava. Contava que eles passavam muito mal. Quando era 3 horas da madrugada, eles botavam eles para fora, pra ir trabalhar, limpando o cacóal. O Cacoal era longe eles levavam, aquelas que tinham filhinho gito levavam. Atavam redes debaixo das árvores para as crianças. Só vinham de tarde de lá levava o que come, bem pouco diz ela... (Funes 2015, P60).

Esse relato de D. Corina afirma a história das ancestrais que foram escravizadas, e com aquilombamento ficou registrado na memória de suas gerações, são versões históricas semelhantes, porém contada por mulheres de diferentes, com uma ancestralidade em comum família. Hoje o temos de D. Corina a lembrança de uma mulher com histórico de pouco seguimento de líder, mas conhecedora de vivências de sua época, que deixou registrado na pesquisa de Funes e na geração dos seus descendentes. Inclusive de sua filha Divanilda Maria Santos da Silva de 52 anos, também entrevistada por Funes (2005).

Eu lembro que a minha mãe, e a mãe dela a minha avó, a Lúcia Oliveira, que era casada com senhor Vitor Oliveira, era escrava. O Vitor foi morar num lugar a baixo do Cacoal Grande e quis casar com ela, mas ele teve que pagar para o senhor, dono do Cacoal Grande; depois que ele pagou pra ele, ele trouxe ela pra cá. Não foram os primeiros moradores da Saracura. Tinha uma mulher quando eles chegaram aí, que era D. Sara. Era negra. Só se sabe que ela veio de Tapajós. (Funes, 2005, p 60).

Na fala de D. Divanilda perceber-se a recordação de duas gerações, valida que nos territórios quilombolas a história é repassada através da oralidade, com papel fundamental na construção e transmissão de informações históricas, tradições e conhecimento de

expressão oral. E nos remete ao tempo em que as pessoas escravizadas eram compradas, tendo o direito a sua carta de alforria – documento cedido aos escravos por proprietários (senhores), emancipando-os e reconhecendo sua liberdade. E graças a abolição da escravidão no Brasil em 1888, através da Lei Áurea, não foi mais preciso a carta de alforria para emancipação das pessoas escravizadas, porém, é importante ressaltar que essa libertação permitida pela Lei Áurea, não foi acompanhada de políticas eficazes para inclusão social e econômica de nosso povo.

D. Divanilda foi uma das primeiras professoras e diretora na escola Nossa Senhora do Livramento em Saracura, começou a dar aulas com formação no magistério, responsável por minha alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental, na época designado de 1º série. Atualmente aposentada, ainda reside no quilombo, com idade avançada, transtornos mentais, mas detentora de muitas histórias e cantigas e vivências históricas sobre a educação no quilombo de Saracura, deixando um legado na educação escolar quilombola.

Por último não menos importante D. Rosalina Vieira dos Santos, 70 anos. Como diz Funes: mas uma peça para o quebra-cabeça de histórias contadas por mulheres de Saracura, ela também fala das lembranças históricas repassadas a gerações sobre as histórias trazidas pelos familiares avós, bisavós que foram escravizados, mas registro aqui uma fala interessante de D. Rosalina:

A gente de primeiro plantava roça, plantava banana, cacau, plantava tudo. Mas depois que aparece esse gado, pronto, aí foi morrendo. Era feijão, era bananal, era mangueira, era roça, era jerimum, mas tudo a gente tinha aí. Mas hoje em dia, você não ver mais nada. Que não tem essas coisas mais. O gado acabou, ainda mais esses búfalos que pisam na raiz, vão cortando, vão caindo no rio. E a roça pra gente consegui? Que quando a minha mãe era viva, a gente fazia cerca pra gente plantá. Ate hoje eu faço cerca pra gente tê alguma coisa. Naquele tempo era bom. A gente planta as coisas da gente, vendia. Agora já tá com dois anos que eu não planto feijão. (Funes, 2005, p67).

Nessa narrativa de D. Rosalina corresponde a lembrança de duas épocas no quilombo. Uma de quando não existia fazendeiros e depois com a chegada dos fazendeiros na comunidade. Em meados dos anos 1961 a 1986, antes as pessoas em saracura plantas grandes roçados com variadas plantações e tinha uma colheita tranquila, poderiam plantar inclusive nos quintais de suas casas despreocupados sem a necessidade de proteger seus plantios por cercados. Minha avó e mamãe contavam essas histórias também, e que na Saracura era muito farto de plantações: bananeiras, cacau, mangueiras, goiabeiras, junta, jerimum, feijão todos plantavam. Mas depois de certo tempo veio os fazendeiros, algumas famílias venderam suas terras para esses fazendeiros e foram morar nas periferias da

cidade. Esses fazendeiros possuíam grandes extensões de terra no quilombo e tinha muitos gados búfalos que andavam disparado por toda comunidade comendo o que viu pela frente, foi aí por volta de 1988 que o povo não teve mais sossego para fazer seus roçados sem a proteção de uma cerca de arame farpado ou madeiras para proteger a plantação desses animais, no entanto muitas vezes eles arrebatavam as cercas e comiam metade do roçado era preciso vigilância tanto do dono do roçado, quando do proprietário do gado que muitas vezes não estavam nem aí com os pequenos agricultores, soltavam seu gado sem vigilância e não se responsabilizavam pelo estrago, destruição que faziam na comunidade.

Houve um período que as lideranças procuraram os órgãos competentes para solucionar esse problema, e entraram em um acordo judicial com os fazendeiros. Sobre esse contexto, D. mocinha diz que o acordo, por sinal, não foi favorável aos moradores e sim aos fazendeiros com a ideia de manejo da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) que entrou no meio dessa ação beneficiando ainda mais os fazendeiros. A ideia era tirar o gado entre os meses de abril a agosto, período de enchente, que justamente ninguém planta na região de várzea. Em meio a esses conflitos agrários, muitas famílias passaram a sobreviver mais da pesca do que da agricultura, primeiro por que não tinham muitas terras disponíveis para o plantio e segundo que quando plantavam os gados destruíam tudo. Com o reconhecimento da comunidade como um território quilombola, o Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) fez um acordo com os fazendeiros, que então foram indenizados por suas terras e retirados das comunidades quilombolas. Aí tivemos sossego e as terras foram devolvidas a Associação comunitária, que distribuiu à aquelas famílias quilombolas que não tinham onde morar ou moravam junto com familiares em pequenos pedaços de terras. Novamente os comunitários passaram a plantar grande roçado de melancia, feijão, jerimum, milho para subsistência familiar e venda comercial.

Todas essas narrativas que sistematizo aqui, com base nas pesquisas de Funes, reforçam a importância de pensarmos a trajetória quilombola contada a partir do olhar das mulheres. No conjunto, essas vozes femininas quilombolas apresentam um modo particular de ver a história negra que passa pela resistência feminina à escravidão, revela a formação das comunidades e chega até às formas de organização e resiliência mais recentes.

2.4- Mulheres quilombolas de Saracura hoje: o grupo “Meninas do Quilombo”

Na minha comunidade Quilombola de Saracura, as mulheres estão organizadas. O grupo de mulheres "Meninas do Quilombo," foi fundado no dia 14 de fevereiro de 2006 e

tem como objetivo fortalecer a autoestima da mulher negra, fazendo com que ela possa reconhecer os seus direitos na sociedade machista que vivemos e ocupar espaços nos movimentos sociais. Dentro do grupo, através das oficinas de artesanato, a mulher pode se auto identificar com os seus saberes que poderão trazer o auto sustento financeiro do grupo e da própria mulher.

Além do artesanato, o grupo realiza passeios, confraternizações, festejos em datas comemorativas, como Dia das Mães, Dia Internacional da Mulher, Dia dos Pais, Dia das Crianças. O grupo também organiza vendas durante de artesanatos, comidas, bebidas durante o ano em parceria com a Igreja Nossa senhora do Livramento e com o time de futebol Esporte Clube Saracura.

O grupo de mulheres tem sua reunião mensal todo segundo sábado de cada mês. Nessa reunião são discutidos os assuntos em pauta e o planejamento de atividades. No final de cada reunião, é realizado um bingo para angariar recursos financeiros. Hoje, a organização conta com 28 (vinte e oito) mulheres associadas, com a faixa etária de 17 anos a 70 anos. É preciso destacar que, para além de se organizarem enquanto grupo, essas mulheres também ocupam, dentro de Saracura, a função de Presidenta e Vice-Presidenta da ACREQSARA, Presidenta de Clube de Futebol, Coordenadora da Igreja, dentre outras funções.

Essa organização das mulheres quilombolas de Saracura tem proporcionado muitas vivências para além dos seus territórios, pois se articulam com outros grupos de mulheres de outros quilombos e juntas buscam políticas públicas que possam fortalecer o movimento de mulheres quilombolas de Santarém.

3. NARRATIVAS E MÚSICAS DE MULHERES NEGRAS E QUILOMBOLAS

Devido todo um processo histórico, político e cultural da comunidade quilombola de Saracura, sendo eu oriunda dessa comunidade, vejo a necessidade de coletar histórias, narrativas e músicas de mulheres negras quilombolas deste local, através da pesquisa de campo, utilizando da coleta de dados, áudio e vídeo, não somente para apresentação de TCC, mas também para ter documentado essas histórias, e também para que futuramente possam contribuir como material didático nas escolas quilombolas; pois até o presente momento tem pouco registro de pesquisas relacionada a essa temática. Num panorama geral, temos o pesquisador Eurípedes Funes, maior teórico sobre os quilombos do baixo Amazonas que traz fortes relatos sobre o quilombo de Saracura incluindo em sua pesquisa várias vozes femininas, que hoje já não estão mais entre nós como Dona Corina Oliveira a senhora mais idosa do quilombo na época da pesquisa dele. Também pesquisou Dona Marcionilia Oliveira (Mocinha) que hoje é a mais idosa do quilombo.

Em minha pesquisa, entrevisto quatro mulheres e seleciono duas pra este trabalho. São lideranças comunitárias envolvidas em diversos espaços no que diz respeito a organização do quilombo. Assim, trago vozes das narrativas, histórias e músicas de D. Raimunda Silva Santos e Maria Helena Santos.

A pesquisa de campos foi realizada no dia 03 de junho de 2023 na comunidade quilombola de Saracura, com autorização da Federação das Organizações Quilombolas de Santarém (FOQS) e da Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo de Saracura (ACREQSARA) e com a presença de integrantes do AFROLIQ (Grupo de Pesquisa em Literatura, História e Cultura Africana, Afro-brasileira, Afro-Amazônica e Quilombola do ICED/UFOPA) e meu Orientador Professor Dr. Luiz Fernando de França. É um marco importante no reconhecimento e valorização da cultura e história quilombola, seus filhos pesquisarem o próprio quilombo. Um processo histórico que a Universidade nos dar oportunidade, e assim damos retorno a nossa comunidade, levando os resultados alcançados para estudos no quilombo, formando outras gerações a partir das histórias aqui coletas.



Figura 19: Pesquisa de Campo no Quilombo de Saracura Foto Arquivo Pessoal



Figura 20: Pesquisa de campo no Quilombo de Saracura- Foto: Arquivo pessoal

3.1- Raimunda Silva Santos (Rita): “Boto antigo” e “Carimbó do festival do Jerimum”



Figura 21: Pesquisa de campo no Quilombo de Saracura, entrevistada Sr. Raimunda Rita- Foto: Arquivo pessoal,

Raimunda Silva Santos (Rita), 50 anos, filha de Conceição Silva Ferreira e Roberto Santos quilombola de Saracura, esposa do senhor Detimar Guimarães com quem tem 3 filhos. Autora de 3 músicas que exaltam o Quilombo e a natureza. Líder comunitária, catequista, integrante do grupo de mulheres, esteve por várias vezes a frente do time de futebol feminino, e está sempre envolvida nos movimentos sociais da comunidade. Raimunda é autor de 3 músicas que exaltam o Quilombo e seu território.

Neste estudo, analiso dois textos desta mulher quilombola: a narrativa “**Boto antigo**” e a música “**Carimbó do Festival do Jerimum**”.

Boto antigo

O boto né, a gente tinha uma curandeira aqui, uma benzedeira, finada Tapuia, ela sempre que dizia que esse boto era mal, ele passa pra baixo e passa pra cima, quando ele vinha subindo ele vinha arrotando, onde tinha uma mulher menstruada ele dava um arrote muito feio. E ele passava aqui e assobiava, passava qualquer hora. E dos tempos pra cá esse boto desapareceu, a gente não sei se ele já morreu. Esse boto era do tempo da finada Tapuia, ela dizia que esse boto era encantado, era mal.

A minha filha tem medo de boto. Mas não vai na beira quando ta menstruada nem. Esses mistérios que as pessoas contam, ela era mesmo curandeira dessas que fazia remédio para as pessoas ficarem bom, ela, D. Tapuia passou 2 dias no fundo do rio, no fundo, ela sumiu e depois apareceu. A finada D. Tapuia, quando ela dizia assim eu vou te botar boa ela botava, quando ela despachava. Ela era, é prima do meu marido.



Figura 22: Raimunda Rita – Quilombo de Saracura Foto arquivo pessoal

A lenda do boto é uma narrativa folclórica rica que combina influências indígenas, quilombolas, africanas e portuguesa. Dependendo da região e espaço em que a história é contada tem uma versão diferente. As narrativas refletem a cultura amazônica, a relação do povo com o rio e a natureza, ilustrando uma proximidade do povo com as águas e com isso influencia suas crenças.

A história contada por Raimunda Rita é uma variação local da história do boto, que é visto como uma entidade maléfica no texto, que causa mal-estar e prejudica as mulheres menstruadas, refletindo a crença de que o boto ser místico com poder específico que pode influenciar na vida das pessoas.

No folclore brasileiro, o boto é conhecido por se transformar em um homem sedutor, especialmente durante as festas, para encantar as mulheres solteiras. O boto tem história que, dependendo da região e local em que é contada, sofre uma variação imaginária dos(as) contadores(as) de histórias amazônicas.

Essa história é contada de forma específica por pessoas mais idosas do quilombo de Saracura, nesse trabalho narrada por D. Raimunda Rita. A narrativa tem uma relação forte com o rio, com mulheres e tem referência à curandeira, finada D. Tapuia, mulher negra que curava as pessoas doentes do quilombo e região por volta dos anos 80. Essa referência mostra o respeito com os mais velhos que detém o saber espiritual.

Nessa época as pessoas quando bebiam no quilombo, ou estavam cansadas, com “espiritualidade fraca”, encorpavam o boto e outros mestres, espíritos, logo chamavam D. Tapuia para vim benzer, afastar o espírito mal, por isso a narradora diz: “ela dizia que esse boto era encantado, era mal”. Nessa história, o boto representa uma figura malévola da região ribeirinha quilombola, e por conta dessa característica, a crença de que as mulheres quando ficavam menstruadas não podiam ir à beira do rio, porque o boto poderia se agradar e perseguir a pessoa. Por isso o medo da filha da narradora: “A minha filha tem medo de boto. Mas não vai na beira quando ta menstruada nem”. Era um boto que vivia na região, as pessoas o viam passando no rio em frente as casas: “ele passa pra baixo e passa pra cima, quando ele vinha subindo ele vinha arrotando”.

Por isso, essa narrativa é um exemplo da rica tradição oral das comunidades quilombolas e ribeirinhas, onde as crenças locais são transmitidas de geração para geração. A forma de contar é uma abordagem típica da comunidade quilombola de Saracura, onde a oralidade é um elemento chave na preservação e transmissão da cultura. Reforça a identidade e coesão local, com a benzedeira atuando como um elo entre o mundo espiritual e o físico. Assim, a narrativa está profundamente enraizada no contexto ambiental da comunidade, com referência a natureza, ao rio e a vida ribeirinha.

Há um forte respeito pelos mais velhos e pelas tradições ao mencionar finada D. Tapuia que é referência por seus conhecimentos e habilidades de cura. Os termos coloquiais e locais como a palavra “boto”, “cura” e “curandeira” são específicos do contexto cultural e geográfico da comunidade, o que ajuda ancorar a história em sua realidade.

A história serve como um veículo para transmitir valores culturais, ensinamentos morais e advertências sobre comportamentos específicos. Essa descrição do boto como “mal” e as consequências de seus encontros com as mulheres menstruadas reflete as noções de moralidade e ética da comunidade. O adjetivo “mal” também contribui qualidades morais ao boto, reforçando seu papel como uma figura mítica e potencialmente perigosa na cultura local.

Os verbos “subindo” e assoviava” dão dinamismo a narrativa, sugerindo a ação e movimento, elementos essenciais em histórias orais. Expressões como “ele vinha arrotando” e “dava um arroto muito feio” criam uma imagem vivida e sensorial do boto, reforçando sua

presença e influência na narrativa. A repetição de frase como “ele passava pra baixo e passava pra cima” contribui para o ritmo da história e ajuda a enfatizar a crença mencionada na história do boto antigo.

Esses aspectos da linguagem mencionados não servem apenas para contar histórias de maneira mais envolventes, como funcionam como meio de preservar e transmitir a cultura e as tradições do local.

A marca mencionada na narrativa, se observa uma nostalgia pelo passado e a constatação de que as coisas mudaram ou desaparecem, é um tema recorrente em outras culturas também. A ideia de transformação e perda reflete uma consciência coletiva sobre o personagem do tempo e as mudanças inevitáveis na sociedade e no ambiente.

No contexto da contadora quilombola, a frase “e dos tempos pra cá esse boto desapareceu, a gente não sei se ele já morreu” sugere a reflexão sobre a perda de elementos culturais significativos, como lendas e práticas tradicionais. Pode indicar também a preocupação com a natureza. Essa expressão de incerteza e saudade pelo passado serve como um lembrete da importância de manter vivas as tradições e as histórias que definem a identidade de um povo.

O desaparecimento do boto e a passagem da D. Tapuia simboliza uma mudança na dinâmica cultural e espiritual da comunidade. Os personagens trazem um simbolismo e significado cultural desempenhando um papel distinto que reflete as crenças e os valores da comunidade quilombola, ribeirinha.

O boto assume um papel sinistro, sendo associado a algo “mal” e perigoso especialmente com mulheres menstruadas. É uma figura ambígua que representa tanto a fertilidade quanto o perigo, refletindo a relação complexa e respeitosa que as pessoas têm com o rio e seus habitantes místicos. O protagonista da história é boto figura mística da cultura amazônica associada a crença do quilombo de saracura.

A Curandeira finada D. Tapuia é uma figura central na comunidade, detentora de conhecimentos ancestrais sobre a cura e espiritualidade, vista como uma protetora e guia, alguém que pode interceder no mundo espiritual e trazer a cura e proteção. Sua habilidade “despachar” e “botar boa” as pessoas, indica seu papel importante com mediadora entre o mundo físico e o espiritual. Antagonista curandeira finada D. Tapuia a narradora mostra o respeito e a confiança que comunidade deposita em indivíduos com conhecimentos tradicionais de cura e proteção espiritual.

A filha da contadora, embora não seja mencionada diretamente na história, pode representar a continuidade a transmissão de conhecimento e cultura. O medo que ela tem do

boto pode ser visto como uma internalização das advertências e ensinamentos passados através de gerações, mostrando como as histórias e crenças moldam a percepção e comportamento das pessoas na comunidade.

Essas personagens não são apenas indivíduos em uma história, são emblemas vivos das tradições, medos, esperanças e ensinamentos da comunidade, através delas o quilombo expressa sua identidade, sua conexão com o ambiente natural e sua compreensão do mundo espiritual.

Por sinal, contam na comunidade que curandeira D. Tapuia sumiu por uns dias no rio, e depois apareceu novamente. De forma misteriosa contava que tinha passado por essa prova para poder deter o poder da cura. Desde sua infância já era media, benzina, sentia, via algo sobrenatural e passou por algumas provações para poder ser desenvolvida na espiritualidade e entendimento da cura. Dizia que seus mestres eram do fundo do rio. Conversa com os espíritos e expulsava do corpo das pessoas quando a incorporavam, inclusive esse tal boto da história de D. Raimunda Rita.

O rio, em particular, é um elemento simbólico e físico que permeia a vida das comunidades quilombolas ribeirinhas, e seu significado é multifacetado. Na história representa uma fronteira entre o mundo natural e o sobrenatural, entre o conhecido e desconhecido, onde o boto e outros seres místicos habitam. Também pode representar fonte de vida, do sustento, oferecendo alimento e recursos, mas também pode ser um lugar de perigo e mistério. É um local de transformação, onde os seres como o, boto podem mudar de forma, refletindo a capacidade de mudança e adaptação das próprias comunidades. Na história representa um espaço e conflito, onde ocorre o encontro com o boto, gerando conflitos internos e externos, como o medo e a cautela das mulheres, especificamente quando estão menstruadas.

O “fundo” do rio, mencionado na história da curandeira que passou dois dias submersa, intensifica o mistério e o conflito e pode ser visto como um reino escondido ou um portal para o mundo espiritual, onde os segredos são guardados e onde a curandeira D. Tapuia pode ter adquirido seu conhecimento e poder.

Esses elementos foram usados não só para dar um cenário na narrativa, mas também para refletir a complexidade da relação humana com o meio ambiente e espiritual, e para ilustrar os conflitos internos e comunitários no quilombo.

Minha mãe Jucelia Oliveira conta que “Dona Tapuia era uma curandeira que foi nascida e criada em Saracura, já nasceu com o dom de curar, e ainda na adolescência ela sumiu por 2 dias no rio, e depois voltou do fundo das águas, ela mesma contou onde estava e por onde andou durante o tempo que passou submersa nas águas do rio Amazonas, voltou de lá

exercendo o curandeirismo muito bem. E ficou famosa por ser uma grande curandeira e muito boa no seu ofício. Seu nome de registro era Julieta Braga.”

Dizem que qualquer doença que fosse do conhecimento dela, ela curava as pessoas, caso contrário ela encaminhava para médicos e dizia que era caso da medicina medica, outras doenças que nem médicos davam conta ela mesma curava pessoas que vinham desenganadas dos médicos. O povo tinha muita fé nela e eram curados, sua fama e trabalho a levou para várias cidades especificamente para fazer trabalhos de cura. Sua conexão com o sobrenatural e o espiritualismo era muito forte.

Depois de um certo tempo ela veio morar na cidade, e mesmo assim continuou atendendo todos que vinham até ela para ser curando.

Inclusive na minha família tínhamos uma foto dela, que deu a minha irmã num momento em que a curou de uma espiritualidade que a perseguia. Minha irmã Jucimara Oliveira ainda muito pequena por volta dos seus 6 anos de idade ela não conseguia dormir a noite, e tinha algo que a perseguia e via coisas do sobrenatural. Inclusiva por conta dessa doença de minha irmã, eu tive que ser amamentada pela minha tia, que ajudava minha mãe enquanto cuidava da minha irmã mais velha Jucimara. Não aguentando, mas a situação mamãe a levou para D. Tapuia, que na época já morava aqui na cidade.

Ao benzer disse que Jucimara tinha um espírito com dom para curar, tinha os mestres dela e que ia ser curandeira, minha mãe pediu a para afastar esses espíritos por que ela não conseguia dormir nem de dia, nem de noite. D. Tapuia disse que iria afastar, mas quando ela inteirasse idade os mestres iriam voltar e com isso ela também sumiria por uns dias nas águas, mas não era pra ficarmos preocupados que ela ia voltar e exercer o ofício da cura. Deu a foto dela e um cordão feito por ela a minha irmã, e pediu que não abandonasse o cordão. Assim minha irmã foi curada e passou a dormir. Porém passados um certo tempo, jogaram fora o cordão da minha irmã e com ele se foi a promessa de que os mestres iriam voltar. Em mudança de casa a foto de finada Tapuia se perdeu. Era uma senhora negra bonita, cheia de vida, vaidosa.

Só na minha família teve outros momentos históricos de cura, exercido por D. Tapuia, dentre muitas outras pessoas que ela fez trabalhos de cura.

Essa história do boto faz parte da identidade cultural do quilombo, ensinando lições, transmitindo valores e mantendo viva a conexão com o ambiente natural e o mundo espiritual. Inclusive a história que D. Raimunda Rita contou, se entrelaça com a história de minha vó Conceição Oliveira que menciono nesse trabalho, essa história da minha avó tem relação com o boto e D. Tapuia.

A narrativa compartilhada é um reflexo brilhante da cultura quilombola, rica em simbolismo e tradição que são essenciais para a continuidade da comunidade. São através de histórias e crenças que a comunidade quilombola de Saracura mantém viva sua herança cultural, narrativas que são compartilhadas de geração em geração, tendo como elemento importante na transmissão a oralidade das mulheres do quilombo, das benzedoras e do imaginário amazônico. Ela serve como elo vital entre o passado e o presente, mantendo viva a memória das mulheres que em sua maioria são as guardiãs dessas histórias e as transmissoras da sabedoria ancestral.

No quilombo a prática de curandeirismo, uma forma de contar histórias e cantar em círculo, é uma expressão comunitária que fortalece os laços sociais e culturais nos territórios quilombolas. É uma forma de resistência cultural e afirmação da identidade, onde cada história contada é uma celebração da vida e da coletividade.

O curandeirismo é uma prática enraizada na vida quilombola, refletindo uma compreensão profunda da natureza e da interconexão entre a saúde física, espiritualidade e o mundo natural. As curandeiras são respeitadas como guardiãs do bem-estar da comunidade, utilizando ervas, orações e rituais para curar e proteger.

O imaginário amazônico, como a história do boto e outros seres encantados, é um componente fundamental da cosmovisão quilombola. O boto é mais que uma criatura mítica, ele é um símbolo da conexão profunda entre a comunidade e o rio, um elemento central na vida e na espiritualidade quilombola. Vale ressaltar que essas narrativas não são apenas histórias, elas são a voz da memória coletiva, a manifestação do imaginário que define a relação entre os quilombolas e o mundo natural. São a essência a alma da cultura quilombola, transmitindo conhecimento, valores e a rica herança de um povo resiliente e orgulhoso de sua história.

Música “Carimbó do festival do Jerimum”

É pro festival que eu vou, eu vou, eu vou bis. (3x) bis

É pro festival do jerimum que eu vou.

Festival do jerimum do quilombo do Saracura

Nossa cultura que plantamos em nossa terra/ o jerimum veio logo como ideia/ o grandioso amarelinho jerimum/ não deixamos de juntos saborear.

É pro festival que eu vou, eu vou, eu vou bis. (3x) bis

É pro festival do jerimum que eu vou.

Tem o bolo, o mingau e o cozidão/ o assado, o doce e o chapão/ a geleia, o purê e o pudim/ são as delicias do gostoso jerimum.

É pro festival que eu vou, eu vou, eu vou bis. (3x) bis

É pro festival do jerimum que eu vou.

O jerimum, também conhecido como abóbora em algumas regiões do Brasil. É uma hortaliça muito apreciada e versátil na culinária no quilombo de Saracura. Todos os anos, no verão, as pessoas fazem grandes plantações de jerimum que começa a florir com cerca de 25 dias após o plantio e, com 60 dias já se pode colher jerimum maduro. É uma cultura que se adapta bem na nossa região, com a fartura do produto o preço cai (fica barato), e as pessoas acabam consumido somente na comunidade, as vezes chega a estragar o produto, daí surgiu a ideia do festival do jerimum. Uma forma de aproveitar o alimento, que por sinal é delicioso e traz benefícios a saúde por ser uma hortaliça rica em vitaminas e ter baixas calorias e que pode ser preparado de diversas formas, desde do assado até o cozido, fazendo parte do preparo de várias iguarias como pudim, geleia, doce chopinho, bolo, o jerimum faz parte de uma alimentação equilibrada.

O festival do jerimum é uma realização do grupo de animadores em parceria com a Associação Comunitária Remanescente do Quilombo de Saracura ACREQSARA. A ideia surgiu por conta da grande produção de jerimum produzido no quilombo. A mesma foi sugerida pela Sr.^a Aldanira Pereira dos Santos em uma reunião do grupo de animadores e aprovada por unanimidade. O objetivo do evento é valorizar o produto que é muito cultivado e também angariar recursos para o território.

O primeiro festival foi realizado nos dias 02 e 03 de fevereiro de 2019 na comunidade quilombola de Saracura, sob coordenação geral de Aldanira Pereira. O segundo festival foi nos dias 1 e 2 de fevereiro de 2020, sob coordenação geral Franciney Oliveira. Devido a pandemia nos anos de 2021 e 2022 o mesmo não foi realizado.

O festival teve como primeira rainha do jerimum a jovem Railane Silva e a segunda Raiane de Jesus Santos.

No primeiro dia do festival é realizado apresentações culturas do quilombo, e a seresta dançante. E no segundo dia de festa as 8h da manhã celebração afro religiosa, e desfile, reapresentação das rainhas do festival e vendas dos derivados do jerimum, com música ao vivo, sempre é uma banda do quilombo e outra de fora da comunidade.

Em 2023 o festival do jerimum foi realizado nos dias 18 e 19 de fevereiro, sobre coordenação do Jovem Franoel Oliveira. Duas bandas locais DG do arrocha e DJ do Peseiro e Leri Guita se apresentarem como músicos no festival. Esse ano de 2023 a rainha do festival foi a jovem Wandria Oliveira. Foi justamente neste ano que a senhora Raimunda Rita compôs a música do festival, que é usado para o convite/ anuncio de participação das pessoas.

A música “Carimbó do Festival do Jerimum”, e cantada em ritmo de carimbó, um ritmo tipicamente Paraense com raízes e elementos africanos, indígenas e portugueses. É um estilo de música e dança contagiante, alegre e que representa a energia ancestral do povo quilombola. E vale ressaltar que o carimbó é um patrimônio cultural nacional do Brasil, um a expressão cultural rica que reflete a diversidade e a história do povo brasileiro.

O quilombo caminha para o quarto festival do jerimum que acontece sempre no mês de fevereiro em datas diferentes dependendo da necessidade da comunidade quilombola de Saracura.

A composição musical da música do festival do jerimum, é um convite aos participantes: “É pro festival que eu vou, eu vou, eu vou”. Uma inspiração da compositora que celebra alegria e a energia dos festivais no quilombo. Construída em uma composição de acordes simples que captura a atmosfera festiva e é fácil de acompanhar. A melodia cria uma dinâmica interessante ao logo da música, incentivando e cativando o povo a ir participar da festa. A música não só entretém, como transporta o ouvinte para o coração do festival.

A letra da música “Nossa cultura que plantamos em nossa terra/ o jerimum veio logo como ideia”, contempla a melodia e harmonia, adicionando a profundidade e o contexto da composição em homenagem ao festival do jerimum, faz referência a pratica agrícola tradicionais, expressa a ligação e valorização da terra que cultivam o jerimum que é símbolo de sustento e tradição da cultura quilombola de Saracura, o território que o povo tanto lutou para se ter um pedaço de chão para plantar, aborda a conservação e respeito pelo território, a luta pela proteção de suas terras.

Também é uma celebração da importância do jerimum na culinária e na vida das pessoas do quilombo, destacando o orgulho associados ao festival e ao alimento que é parte significativa da identidade cultural que é celebrado em torno do jerimum no contexto do festival na comunidade quilombola.

As mulheres quilombolas tem um papel fundamental na preservação e transmissão da cultura, da musicalidade de suas comunidades. Elas são as guardiãs das tradições orais, das danças, das músicas e dos artesanatos que definem a identidade cultural dos quilombos. Através da música as mulheres quilombolas expressam não apenas a riqueza de sua herança cultural. Mas também suas lutas e resistências contra as desigualdades e injustiça que enfrentam.

A musicalidade quilombola é uma forma de resistência e afirmação da identidade afro-brasileira. As mulheres, muitas vezes lideram essa expressão cultural, utilizando a música como uma ferramenta para contar histórias, transmitir conhecimento e unir a comunidade em torno de causas comuns. Ela desempenha um papel crucial na luta pela garantia dos direitos quilombolas, pela manutenção e regularização do território e pela defesa das políticas públicas que afetam suas vidas.

As músicas das mulheres quilombolas buscam capturar o espírito e a importância da mulher na cultura e na resistência quilombola, celebrando a força e a resiliência das mulheres que mantem viva a tradição musical e cultural de seus ancestrais.



Figura 23- Festival do jerimum em Saracura- Fotos: arquivo pessoal



Figura 24 Festival do jerimum em Saracura, rainhas 2023-
Fotos: arquivo pessoal,



Figura 25 Festival do jerimum em Saracura, rainhas 2024-
Fotos: arquivo pessoal

3.2 - Maria Helena dos Santos: “História da Parteira” e a “Música da arirambinha”



F Figura 26 Foto: Pesquisa de campo no quilombo de Saracura-
Arquivo pessoal

Maria Helena dos Santos, mulher negra quilombola, é filha de Rosalina dos Santos (bebê) e seu Francisco Correia, mas foi criada somente pela sua mãe. Com 63 anos aposentada, nascida em 11 de julho de 1960, mãe de 10 filhos, casada há 32 anos é membro do grupo de mulheres: Meninas do quilombo; da equipe catequética, vice coordenadora do dizimo, CEB Caminhando com Maria, equipe de animadores e participa de outros eventos da comunidade.

História

Naquela época a gente ouvia muitas histórias: diziam que o boto virava gente, muita visagem que aparecia aqui; diziam que aparecia padre sem cabeça. E minha vó Raimunda contava muitas histórias também, além da história do boto, ela conta a história de uma parteira que mora sozinha aí na ponta.

História da Parteira

Minha vó Raimunda contava de uma mulher que morava sozinha aí na ponta do urubu, que chamam, ela era parteira. E quando as mulheres grávidas iam ganhar bebê delas, iam buscar ela lá, pra partejava né.

Ai quando foi uma noite chegou um homem lá, chamou ela, não estou lembrada o nome dela, olha eu vim aqui buscar a senhora que minha mulher está com dor pra ganhar nenê, eu vim buscar a senhora. Aí ela disse: me espera aí um pouco. Se arrumou a trouxinha dela, colocou o tabaco, tabaqueira que ela fumava. Ai saiu pra beira com homem, andou, andou um pouco ela e disse: feche seu olho, aí ela fechou, não abra enquanto eu não falar pra senhora abrir, aí ele remou, remou quando ele disse assim: agora abra seu olho, ela abriu o olho dela, quando deu já estava no porto da casa, entre, ela entrou, quando chegou lá a mulher tava na cama gemendo com dor, mulher brancona. Ela fez o parto dela, a criança era homem, aí ele perguntou: quanto é que eu lhe devo, aí ela disse: não sei. Ele disse: olha eu não vou lhe dar nada, por que se eu der alguma coisa pra senhora, a senhora não vai, mas daqui. Ela disse: não meu filho, deixe. Então umbora que eu vou levar a senhora, embarcaram na canoa, remaram um pouco, feche seu olho e só abra quando eu mandar, ela ficou de olho fechado, depois de muitas horas, mandou ela abrir, e já estava no porto da casa dela. Ai por final da história né, ela dizia: que era o boto encantado né, ela dizia que foi fazer o parto da mulher do boto. Minha vó Raimunda contava essa história e ela dizia que era verdade, que essa parteira realmente morou lá na ponta do urubu sozinha, e que não sabia dizer não quando chamavam para fazer parto, até que foi fazer o parto do boto.

A figura da parteira é muito importante em muitas comunidades, especificamente em áreas isoladas ou rurais, onde elas desempenham um papel crucial na saúde reprodutiva das mulheres, oferecendo cuidado e apoio na gravidez, no parto e pós-parto. Essas narrativas são exemplos de reflexão acerca da importância das parteiras nas comunidades, assumindo um papel de cuidadora principal devido à falta de acesso a hospitais e serviços médicos. São portadoras de um saber tradicional passado de geração em geração, que inclui conhecimento sobre práticas de parto, ervas medicinais e técnicas de cuidado com a mãe e o bebê.

Além disso, as parteiras fortalecem os laços comunitários e promovem uma abordagem mais humanizada ao parto, respeitando as escolhas e a cultura das mulheres que atendem. Em muitos casos, elas também atuam como educadoras, compartilhando informações valiosas sobre a saúde reprodutiva e cuidados infantis.

No quilombo de Saracura é natural que as mulheres ganhem seus filhos pelas mãos de uma parteira. A exemplo de minha família, minha mãe teve 11 filhos todos sobre cuidados de uma ou mais parteiras. Assim como outras mulheres de Saracura que tiveram seus filhos ali mesmo no território de forma natural com ajuda das parteiras.

Hoje em dia poucas exercem essa função, mas antes tinham várias parteiras em Saracura: D. Luciana Castro, D. Rosalina dos Santos, D. Raimunda Dargue Lage (Mudiquinha) finadas; D. Oscarina, D. Divanilda Santos, D. Conceição Oliveira, D. Conceição Ferreira. São parteiras detentoras de saberes tradicionais repassado por suas gerações, que utilizavam apenas da medicina natural para cuidarem umas das outras desde da gravidez até o parto. Segundo minha mãe Jucelia Oliveira, elas utilizavam para fazer o parto: água morna, tesoura, fio pra amarrar o umbigo; chá do esporão de arraia, vinho fervido com erva doce, banha da raia no chá de catinga de mulata para despertar o dor e a criança nascer rápido; fricção da artimija e banho para abomina; andiromba com alho para puxar a barriga para criança desenterra da pente. Eram algumas das propriedades medicinais usadas pelas parteiras no quilombo de Saracura.

Nos tempos atuais, o reconhecimento do trabalho das parteiras pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e a inclusão de suas práticas na rede cegonha são testemunhas da relevância de papel na promoção de saúde comunitária e no cuidado integral da mulher.

Essa história dialoga com a narrativa de D. Raimunda Rita, pois envolve aspectos místicos e culturais, como a figura do boto encantado, mostrando como o folclore e as crenças locais estão entrelaçadas com as práticas de saúde e bem-estar do quilombo. Essas histórias preservam o conhecimento e a identidade cultural do nosso povo. E que simbolizam aspecto culturais do povo brasileiro, especificamente de comunidades.

A linguagem é específica do cotidiano de pessoas comunitárias que pouco tiveram acesso a estudo, e carregam uma variação linguística local permitindo sua comunicação oral, de forma tradicional. A exemplo do termo “partejar”, que é profundamente enraizado na cultura brasileira, especialmente na região amazônica, onde as parteiras tradicionais desempenham um o papel vital na assistência ao parto. O ato de “partejar” vai além do processo físico de ajudar no nascimento, é uma arte que envolve sabedoria ancestral, conhecimento das ervas medicinais e uma conexão espiritual com o processo de dar à vida.

A espacialidade na narrativa não é apenas geográfica, mas também simbólica. o deslocamento da parteira, guiada por um homem misterioso até um local desconhecido, pode ser interpretado como uma jornada entre mundos, o real e o mítico. O movimento de um lugar para o outro reflete a transição entre diferentes estados de consciência e realidades, um tema comum em muitas culturas, no que detém as crenças e espiritualidades.

E fato de a parteira viver isolada, “na ponta do urubu” (lugar mencionado na história que fica na ilha da região do Uricurituba, entre Santarém e Saracura), evidencia sua conexão com a natureza e a marginalização das práticas tradicionais de saúde em favor da medicina

moderna. O isolamento pode ser uma escolha consciente ou uma sequência de diversos fatores sociais e históricos. Uma maneira de preservar seu modo de vida da sociedade dominante, uma vez que na época as pessoas que exerciam o dom da cura, eram proibidas de exercer seu ofício, era mais fácil viver de forma isolada, defendendo sua crença. Os elementos da narrativa não apenas contam uma história fascinante, mas também servem como um meio de preservar e transmitir o conhecimento cultural e as práticas de saúde. A parteira representa uma figura emblemática, representando tanto a sabedoria tradicional quanto a resistência cultural em fase da modernização e da perda de identidade cultural.

A temporalidade noturna na narrativa é um elemento poderoso que simboliza o desconhecido, o mistério e o sobrenatural. A noite é um período de transição, onde o mundo real e o místico podem se encontrar, e é nesse contexto que a parteira realiza sua jornada. A função da parteira é central e estrutural na história, pois ela é a agente de cura e transformação. Ao trazer uma nova vida ao mundo, simbolizando a renovação e a continuidade da comunidade. A parteira realiza um ato de reparação comum em muitas culturas, onde o ato de curar é visto como um processo de reconciliação e renovação.

A repetição, como a mesma forma de ir e voltar, reforça a ideia de círculos e continuidade. A parteira saiu de seu lugar de isolamento para realizar seu trabalho e retorna ao mesmo ponto, indicando um ciclo completo de ação e retorno, que é essencial para a estrutura da narrativa e para a compreensão do papel da parteira na comunidade.

Essa relação com o sobrenatural, como “fechar os olhos” para viajar para outro lugar, é uma metáfora usado nas crenças em mundos além do nosso entendimento. O sobrenatural na narrativa tradicional serve para explicar fenômenos que estão além da compreensão humana e para conectar o público com o misterioso e o divino. A parteira ao fechar os olhos, confia no desconhecido e, ao abrir, encontra-se em um novo espaço, o que pode ser interpretado como uma aceitação do sobrenatural na vida cotidiana, a aceitação do reconhecer e respeitar o poder e o conhecimento que transcendem o mundo material.

A centralidade da mulher negra parteira nos quilombos é um símbolo poderoso de conhecimento e do saber ancestral. Elas são guardiãs de práticas e rituais que tem sido transmitido por gerações. Mantendo viva e cultura e a história de seu povo. As parteiras quilombolas são mais do que cuidadoras; são educadoras, conselheiras e figuras de autoridade dentro de suas comunidades principalmente no que desrespeita os cuidados com as mulheres grávidas.

Em diferentes territórios, como nas comunidades quilombolas as parteiras são essenciais no processo da saúde reprodutiva e no bem-estar das mulheres, muitas vezes na

ausência de acesso a serviços médicos convencionais. Suas práticas de cuidado, que incluem o uso de ervas medicinais e técnicas tradicionais de parto, são essenciais para sobrevivência e prosperidade das comunidades quilombolas.

As narrativas analisadas nesse trabalho colocam a mulher no centro do cuidado com as outras mulheres, seja na cura ou no parto. Isso reflete uma realidade cultural onde o cuidado é visto como uma atribuição feminina, e as mulheres são vistas como principais provedoras de saúde e bem-estar dentro de suas comunidades. São as principais cuidadoras e protetoras da vida e da saúde. Essa tradição não apenas fortalece os laços comunitários, mas também promove uma abordagem holística e integrada a saúde, que é profundamente respeitosa das crenças e práticas locais.

Ao destacar a importância das parteiras quilombolas, estamos reconhecendo e valorizando um sistema de conhecimento que é fundamental para identidade e a continuidade cultural de nossos quilombos.

Música

Naquela época eu brincava a arirambinha com tia Conceição, formamos esse pássaro lá no Bom Jardim com a tia Conceição, aí trouxemos pra cá. Agora queremos regatar aqui, mais não conseguimos por falta de gente, e de músicos também.

Arirambinha D. Conceição que trouxe pra cá. Não sei quem criava a letra dessas músicas eu ainda era muito jovem, não lembro.

Música da arirambinha – pássaro

Eu sou um belo pastor/ que ando pastorando nessa campina. Ando noite e dia a procura de nosso passarinho.

Refrão: Ainda tem a esperança de baixo do céu azul/ ainda tem a esperança de brincar com nosso amor. (bis)

Já viveu/ já se levantou/ a nossa arirambinha que o caçador atirou/ o sol entra pela porta/ a lua pela janela/ aqui ta a arirambinha que é dona da casa espera.

A música “arirambinha” é uma canção folclórica tradicional do quilombo de Saracura, transmitida de forma oral ao longo de gerações, tornando parte do patrimônio cultural coletivo sem um autor específico. Os pássaros em geral têm simbolismo em muitas culturas. Embora a arirambinha não seja um pássaro conhecido na literatura ornitológica, mas essa ave com traços culturais tem representatividade simbólica para a comunidade. Na espiritualidade, os pássaros são considerados mensageiros entre o céu e a terra, representando a liberdade e a conexão do divino. Arirambinha seu (nome científico:

Galbula galbula), ave com duas subespécies, de tamanho pequena, com um canto forte e gosta de viver a beira dos igapós.

Segunda minha mãe Jucelia Oliveira, minha avó Conceição Oliveira colocou o nome do pássaro por causa da grande quantidade da espécie habitante no território, e por ser um pássaro bonito em que tinha espécie diferentes umas grandes e outras pequenas, daí arirambinha invocando o pássaro na música e na dança, já que a música é parte de um evento folclórico do quilombo. A canção “arirambinha” expressão cultural rica e cheia de significados, com autoria desconhecida, sendo repassada em memória somente a letra da música de um povo que atravessa gerações repassando sua cultura.

A juventude da época, sob coordenação de D. Conceição Oliveira a que ensinava as músicas, a dança e ainda colocava os versos para completar a música, assim como cantavam, dançavam em foram de machinha, formando um círculo, onde celebravam a vida do pássaro, após o caçador ter tirando-lhe a vida.

Era tipo uma mistura de ritmo, tinham outras músicas e versos no meio, além dessas mencionadas pela narradora, mencionou minha mãe Jucelia Oliveira ao lembra-me um pouco sobre a história da canção da arirambinha. Vovó ensinou todas as músicas do tempo dela, as gerações mais novas, costumavam dançar no mês de junho e julho.

As mulheres cantavam, e os homens faziam uso dos instrumentos formando uma bandinha para a apresentação da arirambinha, usavam: violão, marimba, pandeiro, bandulinho, ela dizia que a vovó tocava tambor, marimba, pandeiro, era a única mulher que se ariscava a tocar os instrumentos quando faltava alguém que a tocava. Fazia até barulho do clarinete com a boca (imitando).

Em conversa com minha mãe Jucelia ela lembra de um verso da música que cantavam: “Aqui chegamos viemos bailar, aqui viemos nos trazer a arirambinha que veio representar, oh que rua tão cumprida, olho e não vejo ninguém...”

A princípio a música não tinha relação com o pássaro “taxã” de Bom Jardim, por que a arirambinha nasceu no Saracura, porém, quando era tempo de inverno os familiares de minha vó iam passar o inverno no quilombo de Bom Jardim e lá ensaiavam a dança da arirambinha e a juventude Do quilombo de Bom Jardim também participavam e ensaiavam para dançar em outras comunidades, daí a semelhança com as músicas que se assemelham usando o pássaro como elemento principal das cantigas folclóricas nos quilombos.

A canção foi transmitida de forma verbal, ou seja, através da oralidade, com isso se perdeu um pouco sua originalidade, por não conter registro nenhum escrito, hoje as mulheres quilombolas de Saracura sentem dificuldade de resgatar essa memória festiva da

música e dança arirambinha. A música era cantada incluindo batuques, tambores, e cantos que refletem a luta e a resistência dos seus antepassados. Assim a “arirambinha” era contextualizada dentro da história do povo quilombola com uma rica peça cultural, que celebra a memória, a conexão com a natureza, a resistência e a esperança de um povo que mantém viva sua herança da arte musical.

Nessa canção o tema amoroso é central e evoca o trovadorismo movimento literário da língua portuguesa, surgindo no contexto da Idade Média, movimento caracterizados pela produção de cantigas, que eram poesias feitas para serem cantadas ao som de instrumentos. E a presença de elementos da natureza como pastor, o pássaro e o caçador remete aos cenários bucólicos explorados pelos trovadores, criando uma atmosfera idealizada da natureza. A beleza incorporada na música relaciona a tranquilidade do campo para expressar um sentimento de amor, e tecer um sentimento crítico social através da canção mencionando o pássaro “arirambinha”.

O eu-lírico, que se identifica como um pastor, estabelece um diálogo com a natureza em sua busca pelo passarinho, que pode ser interpretado como uma metáfora para o amor ou para a pessoa amada. A esperança “de baixo do céu azul” e a vontade de “brincar com nosso amor” são expressões que reforçam a ideia de um amor idealizado e puro, características comuns nas cantigas de amor.

A referência a “arirambinha que o caçador atirou” introduz um elemento de drama e talvez uma crítica a interferência humana na harmonia da natureza. A imagem do sol e da lua entrando pela casa sugere um ciclo contínuo e a presença constante da natureza na vida do eu-lírico. Pode se considerar a música arirambinha como uma homenagem contemporânea aos temas e estilos do trovadorismo, utilizando elementos tradicionais bucólicos para expressar sentimentos amorosos e uma conexão profunda com a natureza na simplicidade do quilombo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das “Mulheres de Saracura” nos permite compreender não apenas a riqueza cultural e histórica do quilombo, mas também a força e a resiliência das mulheres negras que tem sido pilares de resistência ao longo dos séculos.

Este trabalho representou uma jornada significativa através da história e das vivências do quilombo de saracura, destacando o papel fundamental das mulheres quilombolas na preservação da cultura e na sustentação da comunidade. A localização territorial e as experiências compartilhadas no primeiro capítulo forneceram a base para compreender a importância do espaço físico e espiritual que essas mulheres ocupam.

No segundo capítulo, aprofundamos no papel das mulheres quilombolas, não apenas como guardiãs da tradição, mas também como pilares de resistência e sabedoria, suas histórias e práticas revelaram uma conexão intrínseca com a terra e com os saberes ancestrais, especialmente no que tange a cura e ao cuidado.

A análise das narrativas no terceiro capítulo permitiu uma imersão nas vozes dessas mulheres, onde a figura da curandeira e da parteira, exemplificadas nas histórias de Maria Helena e Raimunda, emergiu como um símbolo de força e resiliência. A narrativa, com suas práticas de cura, ilustra a capacidade de transformação e de manutenção da saúde e do bem-estar dentro do quilombo.

As narrativas de cura e cuidado, especialmente a Tapuia e a da parteira, não apenas confirmam a relevância das mulheres na comunidade, mas também dialoga com os temas abordados nos capítulos anteriores, criando um mosaico de significados que ressalta a sabedoria feminina.

Além disso a história da parteira e do boto reforçam a ideia de cuidado e proteção, especialmente voltados para as mulheres da comunidade. Essas narrativas não são apenas relatos, elas são a expressão viva da identidade do quilombo de Saracura que estão ligadas diretamente a histórias de outras mulheres quilombolas do quilombo.

Por fim, as músicas mencionadas ressoam com as histórias contadas, ampliando a compreensão da influência feminina e da sua importância insubstituível. Através deste estudo, fica evidente que as mulheres de Saracura não são apenas parte da história; elas são, de fato, as contadoras e criadoras da história, tecendo o passado para construir o futuro do quilombo.

A coerência temática entre os capítulos e as narrativas selecionadas demonstra um cuidado especial na escolha dos relatos que compõem este trabalho. Embora outras

histórias pudessem ser adicionadas, as escolhidas são representativas e reforçam a tese central do estudo.

Em suma, este TCC não é apenas um documento acadêmico, mas um tributo a força e a sabedoria das mulheres quilombolas de Saracura, cujas vidas e histórias são fundamentais para a compreensão da cultura e da identidade do quilombo.

5. REFERÊNCIAS

FUNES, Eurípedes A. **Bom Jardim, Murumurutuba, Tiningú, Ituqui, Saracura, Arapemã. Terra de Afro-amazônidas: “Nos já somos a reserva, somos os filhos deles”**, São Paulo: CPISP, 2005.

Mulheres quilombolas: territórios de existências negras e femininas/ organização (de) Selma dos Santos Dealdina – São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2021.

Reafirmando Identidade quilombola do Pará- O DWYER, Eliane Catarino. Introdução: **quilombos: Identidade étnica e territorialidade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SANTOS, Geilza Silva, **Mulheres Quilombolas; Território, Gênero e Identidade na Comunidade Negra Senhor do Bonfim, Areia/ PB (2005-2018).** -João Pessoa, 2018.

SOUSA, Wanildo Figueiredo de, a **Escola e o desenvolvimento social do Quilombo de Saracura-** Baixo Amazonas em Santarém Pará - São Leopoldo, RS, 2015.

Comunidades quilombolas de Santarém: A Força Feminina, REVISTA DE GÊNERO E SEXUALIDADE E DIREITO, Renta Priscila e Anne Caroline. – e-ISSN: 2525-9849/ Goiânia-2019.

FREITAS, F. T.; ALBUQUERQUE, A. R. **Análise temporal sobre as “terras caídas”** no médio Solimões/Coari (AM). Mercator, Fortaleza, v. 11, n. 25, p. 129-140, fev. 2012.

GLOSSÁRIO

Artimija: é uma planta de folhas verdes com um caule de cor acastanhada, ereto e com nervuras, que cresce naturalmente de 30 a 100 centímetros de altura. Pertencente à família Asteraceae, ela é aromática, perene e arbustiva.

ACREQSARA: Associação da comunidade de remanescente do quilombo de Saracura.

Cacoal Grande: Nome de uma fazenda na região do baixo amazonas, município de Monte Alegre, fazenda onde escravizavam pessoas negras.

Catinga-de-mulata: é uma planta herbácea perene robusta que possui talo ereto de 60 a 90 cm de altura. As folhas pinadas com numerosos folíolos profundamente dentados, e nervura principal alada, são de cor verde escuro e aromáticas.

CEBs: Comunidades Eclesiais de Base, uma nova forma de se organizar na religião católica, permitem que a organização se dê através de comunidades menores, onde os membros podem estabelecer laços comunitários entre si. (CEBs) foram e, em muitos contextos, ainda são muito influentes na motivação dos fiéis católicos para a luta política.

CONAQ: Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas.

“Devir quilombola”: conceito filosófico que pressupõe mudança, acrescido da palavra quilomba, evoca as condições históricas que produziram a feminização da ideia de quilombo, possibilitando a visibilidade contemporânea das mulheres quilombolas na luta pela terra.

Escherichia coli: é uma bactéria bacilar Gram-negativa que se encontra normalmente no trato gastrointestinal inferior dos organismos de sangue quente.

FOQS: Federação das Organizações Quilombolas de Santarém

Mastro: uma cerimônia em que um grupo de pessoas levantam um tronco de árvore. É uma tradição ancestral, de origem pagã, celebrada na festividade da padroeira do quilombo de Saracura – Nossa Senhora do Livramento.

Saracura: comunidade quilombola na região do baixo Amazonas no município de Santarém/Pará.

Sankofa: adinkra simboliza um pássaro que olha para trás, e significa algo parecido com “volte e pegue” ou “voltar para buscá-la”, nos ensinando o valor de aprender com o passado para a construção do presente e do futuro. O símbolo representa os conceitos de auto-identidade e redefinição. Simboliza uma compreensão do destino individual e da identidade coletiva do grupo cultural. É parte do conhecimento dos povos africanos, expressando a busca de sabedoria em aprender com o passado para entender o presente e moldar o futuro.

Siricó: o canto da ave saracura, o pássaro é conhecido por saracura-do-brejo, sericoia, três-coco, siricora, siricoia, sericora e três-potes. Em geral, é mais escutada do que vista. Vive no chão de áreas alagadas com vegetação densa, manguezais, margens de rios e lagoas. Seu canto dá origem aos seus três nomes comuns mais frequentes. Conforme a região do país, o sotaque local produz cada um dos nomes comuns. As saracuras em geral eram chamadas pelos colonos italianos de beccaccia (se lê becacha), devido ao seu jeito desengonçado ao levantar voo, à semelhança da galinhola europeia (*Scolopax rusticola*).